

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

VANESSA GRANDO

***TU E VOCÊ NA FALA DE ESTUDANTES DA UFSC:*
UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DAS FORMAS DE TRATAMENTO**

**FLORIANÓPOLIS
2021**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Vanessa Grando

TU e VOCÊ na fala de estudantes da UFSC:
Uma análise sociolinguística das formas de tratamento

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Izete Lehmkuhl Coelho

Florianópolis
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Grando, Vanessa

TU e VOCÊ na fala de estudantes da UFSC : Uma análise sociolinguística das formas de tratamento / Vanessa Grando ; orientadora, Izete Lehmkuhl Coelho, 2021.
87 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Tu. 3. Você. 4. Formas de tratamento. 5. Sociolinguística. I. Lehmkuhl Coelho, Izete. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Linguística. III. Título.

Vanessa Grando

**TU e VOCÊ na fala de estudantes da UFSC:
Uma análise sociolinguística das formas de tratamento**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Christiane Maria Nunes de Souza, Dr.(a)
Universidade Federal da Fronteira Sul

Prof.(a) Loremi Loregian Penkal, Dr.(a)
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, UNICENTRO

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestra em Linguística.

Valter Pereira Romano
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Izete Lehmkuhl Coelho, Dr.(a)
Orientadora

Florianópolis, 2022.

Dedico este trabalho à mulher mais importante da minha vida: minha mãe, Rita Pereira Grandó¹.

¹ *Ao se casar em 1979, minha mãe adotou apenas o sobrenome do meu pai, aos moldes patriarcais. No entanto, em meu ponto de vista, o sobrenome precisa fazer jus aos pais, no plural. Portanto, eu tomei a iniciativa de inserir o Pereira por minha conta e risco. Mesmo que o Pereira tenha sido um registo de meu avô, foi a maneira mais próxima que tive de homenagear também minha avó, Ana Maria Pinto da Rocha, outra mulher importante na minha vida, mas que foi embora quando eu ainda era um projetinho no ventre da minha jovem mãe. Os sobrenomes são a nossa história, e a minha está aqui.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a minha orientadora, Professora Dr.^a Izete Lehmkuhl Coelho, que desde a Graduação tem me orientado e apoiado nos estudos, e incentivado a integrar os projetos Varsul e PHPB-SC dos quais faço parte desde 2015, quando elaborei meu Trabalho de Conclusão de Curso. Você é o meu brilho nos olhos.

Aos meus pais, Decio e Rita, pela paciência e apoio de sempre; é simplesmente imensurável os nossos momentos de desencontro em função de um sonho de obter uma titulação de mestrado. Em especial, agradeço a minha mãe que acompanha meus passos desde meus tenros anos escolares - a você, minha querida, todo o meu interminável amor. Agradeço também a minha irmã, Lisiê, por estar sempre presente a seu modo.

Por sua frequente atenção, preocupação e carinho com provas de fraternidade, agradeço ao Maurício Resende. Graças ao seu excelente inglês, o abstract deste trabalho ficou perfeito aos moldes virginianos.

Ao Tobias Nunes, por se fazer presente sempre e tanto, principalmente nas horas mais necessárias. Distância alguma sequer nos separa. À Johanna Kubin Sardá, por questionar, apoiar e incentivar. Sua intensidade com todas as coisas com as quais você se relaciona são admiráveis.

Não posso deixar de mencionar as amigas do Varsul, Erica Marciano, Cecília Vieira, Juliana Flores, Juliana Regina, Gésyka Mafra e Kamilla do Amaral, cada uma presente nos momentos ideais. Agradeço especialmente à Helena, por dividir comigo a vida acadêmica e o interesse pelas formas de tratamento. Obrigada pelo seu olhar atento ao meu texto na hora da qualificação e por me levar para ser vacinada contra o coronavírus. Sua presença é sempre a mais inesperada e agradável.

Agradeço pelas valiosíssimas argüições (com trema, porque discordo da queda desse item no Acordo Ortográfico) e contribuições das queridas Isabel Monguilhott e Christiane Nunes de Souza na fase de qualificação do projeto de mestrado; sem vocês, não teria sido possível chegar ao final.

À Secretaria da Pós-Graduação em Lingüística (com trema) que sempre esteve atenta e compreensiva durante todo o percurso do mestrado, realizado quase que completamente no período da pandemia da covid-19, em especial, agradeço ao Valter Pereira Romano.

Aos informantes que contribuíram com suas gravações, me proporcionando uma ótima experiência com entrevistas sociolinguísticas, e à colega Karine Godoy pelas transcrições.

Agradeço às amáveis professoras Isabel Monguilhott, Christiane Nunes de Souza e Loremi Loregian-Penkal pelo aceite em compor a banca de avaliação deste trabalho.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina por me proporcionar ensino público de qualidade desde o ano 2000, e experiências acadêmicas para sempre registradas em minha memória. Parabéns pela força e resistência a tantas pancadas. RESISTA!

Agradeço ao estudo científico que ainda resiste no Brasil, mesmo diante de tão barbárie momento político e pandêmico.

Quando, mais tarde, vim a saber que a lança de Aquiles também curou uma ferida que fez, tive tais ou quais veleidades de escrever uma dissertação a este propósito. Cheguei a pegar em livros velhos, livros mortos, livros enterrados, a abri-los, a compará-los, catando o texto e o sentido, para achar a origem comum do oráculo pagão e do pensamento israelita. Catei os próprios vermes dos livros, para que me dissessem o que havia nos textos roídos por eles.

☞ Meu senhor, respondeu-me um longo verme gordo, nós não sabemos absolutamente nada dos textos que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos: nós roemos.

Não lhe arranquei mais nada. Os outros todos, como se houvessem passado palavra, repetiam a mesma cantilena. Talvez esse discreto silêncio sobre os textos roídos fosse ainda um modo de roer o roído.

MACHADO DE ASSIS
Dom Casmurro, 1899.

RESUMO

Com base em postulados da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH et al., 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) e na história e evolução das formas de tratamento no Brasil, à luz dos estudos de Faraco (2017 [1996]) e Cintra (1986 [1972]), este trabalho se propõe a investigar a alternância entre os pronomes TU e VOCÊ, registrada na fala de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina, decorrente de entrevistas realizadas por alunos da disciplina de Sociolinguística e Dialetologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, no ano de 2019, hoje parte do banco de dados linguísticos do Projeto Varsul. Para a realização das entrevistas, foi pré-estabelecido um protocolo dividido em quatro categorias de deslocamento e de grau acadêmico, do qual participaram 16 entrevistados e, destes, oito foram selecionados para a presente pesquisa. Foi estabelecido também um roteiro de assuntos a serem tratados pelos entrevistadores na interação com os informantes, os quais assinaram um termo de autorização de uso e receberam certificado de participação. A partir das falas gravadas e da revisão de literatura na área sociolinguística, este trabalho reflete sobre as seguintes observações: i) se predomina o uso de TU; ii) se as formas de tratamento escolhidas variam de acordo com relações de simetria e assimetria; iii) se os entrevistados alternam entre os pronomes TU e VOCÊ num mesmo trecho e quais as motivações desse uso, caso ocorra alternância; e iv) se, no âmbito do tratamento, as escolhas pelos pronomes acontecem de acordo com a colonização da região em que o informante nasceu e adquiriu seu vernáculo (cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004). Com base em estudo anterior (GRANDO, 2016) e na participação como entrevistadora na formação da amostra de fala selecionada para este estudo, a hipótese era que haveria predomínio de TU nas falas de informantes que nasceram e moram na Grande Florianópolis/SC, diferentemente dos informantes que nasceram em outras regiões do Brasil. De acordo com os resultados obtidos, com base na amostra utilizada, atestamos: o predomínio e conservadorismo do TU na grande Florianópolis, conforme havíamos previsto; o uso categórico de VOCÊ por informantes de outras regiões de Santa Catarina e fora do estado; e, ainda, concluímos que, devido ao alto índice de ocorrências entre diversificados informantes e tipos de deslocamentos, a relação entre o sujeito VOCÊ combinado com complemento TE seja um novo padrão sintático acontecendo no português brasileiro.

Palavras-chave: TU. VOCÊ. Formas de tratamento. Sociolinguística.

ABSTRACT

Along the lines of Theory of Linguistic Variation and Change (Labov, 1972; Weinreich, Labov & Herzog, 2006) the history and the development of the Brazilian forms of address, following Faraco (2017) and Cintra (1986), the present work investigates the alternation between *tu* and *você* – both 2nd person-singular pronouns – and other forms of address attested in the speech by Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)’s undergraduate students, extracted from interviews, collected by students attending the course *Sociolinguística e Dialetoologia* by UFSC’s Post-Graduation in Linguistics Program in 2019 – currently, composing the corpora from VARSUL Project. Before the interviews, during 2nd semester from 2019, a script was made in order to categorize the interviewees in four degrees of dislocation and education. Following this script, we obtained 16 interviews; from these, 8 were selected to compose the corpus of this case-study. Moreover, we elaborated a script as regards the subjects to be approached by the interviewers, during the talk to the interviewees, who assigned a consent form and to whom was given a certificate of attendance. Based on the tapes with interviews and on the literature on Sociolinguistics, this dissertation discusses the following topics, namely, (i) the predominance of *tu*; (ii) the variation of the forms of address as regards the kind of relationship (symmetry/asymmetry); the putative alternation between *tu* and *você* in the same excerpt and the motivation for it (when it is the case); (iv) the relation between the speaker’s choice, regarding the forms of address, the colonization degree by the location where s/he was born (see Loregian-Penkal, 2004). Following my previous work (Grando, 2016) and based on my participation as interviewer, the working hypothesis was that there would be predominance of *tu* in the speech by informants who were born and have lived in the macro-region of Florianópolis, differently from informants who were born in other locations from Brazil. According to our results, based on the sample extracted from our academic community, we reached at the following observations: (i) the predominance and the maintenance of *tu* in the macro-region of Florianópolis, as predicted; (ii) the assertive use of *você* by informants from other locations from both Santa Catarina and the outside of the state; (iii) due to the index of variation among the informants and the kinds of dislocation, the relation between *você*-subject and *te*-complement is a new syntactic pattern rising in Brazilian Portuguese.

Keywords: *tu*, *você*, forms of address, Sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Formas de tratamento da lei das cortesias de 1597.....	26
Figura 2 – Distribuição dos pronomes TU/VOCÊ em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.....	70
Figura 3 – Exemplo de concordância canônica com pronome TU.....	70
Figura 4 – Avaliação dos usos entre TU e VOCÊ em amostra urbana em 1989.....	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrências de sujeitos.....	60
Gráfico 2 – Ocorrências de sujeitos expressos e nulos.....	61
Gráfico 3 – Correlação entre sujeito e concordância verbal.....	62
Gráfico 4 – Usos dos paradigmas de TU e VOCÊ em relação à naturalidade dos informantes	66
Gráfico 5 – Usos dos paradigmas de TU e VOCÊ nas formas de possessivo, imperativo e complemento verbal.....	68
Gráfico 6 – Correlação entre os usos de sujeitos e as idades/sexos entre entrevistado e entrevistador.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação entre vocativos, assunto da carta e formas de tratamento.....	33
Quadro 2 – Tipos de deslocamento.....	46
Quadro 3 – Nível acadêmico.....	46
Quadro 4 – Estratificação dos deslocamentos.....	46
Quadro 5 – Estratificação dos informantes.....	49
Quadro 6 – Relação entre entrevistador e informante – sexo/idade.....	56
Quadro 7 – Categorização dos deslocamentos.....	56
Quadro 8 – Relação entre estratos sociais dos informantes e usos de TU e VOCÊ.....	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrências de sujeitos.....	61
Tabela 2 – Ocorrências de sujeitos expressos e nulos.....	61
Tabela 3 – Correlação entre sujeito e concordância verbal.....	62
Tabela 4 – Ocorrências de possessivos, imperativos e complementos verbais.....	68
Tabela 5 – Ocorrências de TE associado a VOCÊ e demais complementos verbais.....	73
Tabela 6 – Correlação entre uso de pronome sujeito pelo informante e idade/sexo entre entrevistado e entrevistador.....	73

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	15
1 INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 2.....	21
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	21
2.1 SOBRE AS FORMAS DE TRATAMENTO, DO PORTUGUÊS DE PORTUGAL AO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	21
2.1.1 <i>Contribuições de Cintra (1986 [1972])</i>	21
2.1.2 <i>Contribuições de Faraco (2017 [1996])</i>	28
2.1.3 <i>Uma breve história do VOCÊ no português</i>	30
2.2 PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO DE VOCÊ.....	31
2.2.1 <i>Motivações para os usos entre VOCÊ e TU a partir das cartas de Harry Laus</i>	34
2.2.2 <i>Os usos tratamentais nas cartas de Harry Laus (GRANDO, 2016)</i>	35
2.3 ALTERNÂNCIA DOS PRONOMES TU E VOCÊ NO BRASIL.....	36
2.4 PRINCIPAIS ESTUDOS DA ALTERNÂNCIA TU E VOCÊ EM SANTA CATARINA. .	38
2.4.1 <i> Loremi Loregian-Penkal (2004, 2005)</i>	38
2.4.2 <i> Coelho e Görski (2011)</i>	40
2.4.3 <i> Franceschini e Loregian-Penkal (2015)</i>	42
CAPÍTULO 3.....	45
3 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DA AMOSTRA.....	45
3.1 A AMOSTRA.....	45
3.1.1 <i>Estratificação dos informantes</i>	48
3.1.2 <i>Elaboração das identificações</i>	51
3.2 VARIÁVEL DEPENDENTE E VARIÁVEIS INDEPENDENTES.....	51
3.2.1 <i>Variável dependente</i>	52
3.2.2 <i>Variáveis independentes linguísticas</i>	52
3.2.3 <i>Variáveis independentes extralinguísticas</i>	54
3.3 HIPÓTESES.....	57
CAPÍTULO 4.....	59
4 ANÁLISE VARIACIONISTA.....	59
4.1 RESULTADOS.....	59
4.1.1 <i>O sujeito pronominal de 2ª pessoa do singular</i>	60
4.1.2 <i>Usos de possessivos, imperativos e complementos verbais</i>	68
4.1.3 <i>Correlação entre sujeito, idade e sexo</i>	73
CAPÍTULO 5.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	79
ANEXO I.....	83

CAPÍTULO 1

1 INTRODUÇÃO

Existe uma curiosidade na trajetória acadêmica (e acredito fielmente que uma grande parte de pós-graduandos concorde com isso) que fica num mundo paralelo, quase intocável, aquele lugar distante daqueles que não frequentam uma Universidade. É o mundo compartilhado por aqueles estudantes que vivenciam as alegrias e as dores de frequentar um curso de Mestrado ou Doutorado, mas que fica, por vezes, escondido no íntimo do acadêmico, como uma missão que todo aluno de ‘Pós’ precisa seguir, levando consigo, solitário, sem contar como foi o caminho que trilhou.

Mesmo aqueles que convivem com um mestrando ou doutorando não chegam a ter uma noção completa dessa trajetória, embora presenciem determinadas tarefas. Na verdade, só sabe mesmo a fundo quem está de fato vivenciando a experiência. Penso que esse ‘desabafo’ não precisa ser deixado apenas para as sessões de terapia, numa jornada cada vez mais solitária; se faz necessário registrar, ir além dos dados, além do planejamento. Afinal, uma dissertação não nasce num estalar de dedos, é muito mais que pesquisar e escrever.

Para aquele que saiu de uma Graduação com a experiência de ter desenvolvido uma monografia é um alívio chegar no Mestrado e descobrir que produzir um projeto de dissertação depende bastante desse tipo de exercício – sim, cada vez mais que avançamos nos estudos, que alcançamos titulações superiores, descobrimos que a titulação anterior não passava de um exercício para o próximo e assim por diante; é uma cadeia interminável que se resume num clichê Socratiano bem conhecido ‘quanto mais sabemos, mais sabemos que nada sabemos’. Vale ainda citar aqueles estudantes que se formaram em Licenciatura, esses sim têm um trabalho dobrado na Pós, porque, o trabalho final que se exige nessa habilitação é diferente de uma monografia. Quanto a isso, me considero privilegiada.

Então, caro leitor, se você chegou até este parágrafo, saiba que fazer mestrado não é o fim do mundo, mas também não é um mar de rosas. É sim uma escolha e por conta disso, de muitas outras se abre mão, e cada um vivencia isso de uma maneira particular. Existem prazos apertados, frequência em disciplinas obrigatórias, produção de artigos, relatórios, participações em eventos, defesa de projeto para uma banca e por aí vai, tanto para bolsistas

quanto para não-bolsistas que precisam fazer isso tudo ao mesmo tempo em que têm que dar conta da vida profissional.

Pois é, não é fácil. Por isso, a partir de agora, se estiver lendo esta dissertação, lembre-se de refletir sobre o trabalho de um pesquisador, principalmente quando, por acaso, ouvir por aí algo como: “mas além de fazer mestrado, você trabalha?”. Existe uma conversa bem complexa por trás dessa pergunta, o que, lamentavelmente, não há espaço para explicar aqui. Então, apenas sugiro que reflita. Mas, como diriam as línguas populares, “entre mortos e feridos, salvaram-se todos”. Nós, mestrandos e doutorandos, sobrevivemos. Bem, pelo menos, grande parte de nós. No fim de tudo, só precisamos deixar em dia nosso cartão de crédito com psicanalistas que deem conta do que sobrou da nossa mente.

Não, meu caro, não estou sendo pessimista, apenas quero que fiquem registrados os obstáculos pelos quais passamos na pós-graduação. Isso precisa ser dito. Quando chegamos ao fim, nos damos por vencedores – tanto que as folhas de agradecimento das dissertações e teses geralmente ficam extensas, porque, também, não é um trabalho individual, existe orientação, coleguismo, co-orientações e projetos paralelos. Uma dissertação é um trabalho coletivo, embora leve o nome do pós-graduando como autor.

Pois bem, agora, em um parágrafo, vamos à história que me levou a escolher o tema deste trabalho.

Quando prestei a prova da UFSC para o Mestrado em 2018, eu havia recém defendido meu TCC em Letras, no Bacharelado, e estava frequentando a Licenciatura. Fui aprovada na primeira tentativa e fiquei muito feliz com a conquista (tanto quanto quando passei no vestibular), e, portanto, frequentei a segunda graduação juntamente com os primeiros meses do Mestrado. Minha monografia foi um trabalho diacrônico de análise de cartas do escritor catarinense Harry Laus para sua tradutora francesa. O tema foi sugestão da minha Orientadora, Prof.^a Izete Lehmkuhl Coelho, e eu simplesmente me encantei. Desde então, eu e a Professora Izete trabalhamos juntas e passei a me dedicar à análise da variação sociolinguística das formas de tratamento, em especial, a alternância entre TU e VOCÊ. E já que na monografia o trabalho foi diacrônico, na dissertação decidimos trabalhar com sincronia, dentro do mesmo objeto de análise. Mesmo sendo integrante do Projeto Varsul desde 2015, eu ainda não tinha tido a experiência de trabalhar com entrevistas sociolinguísticas, então, pela segunda vez fiquei encantada.

E vamos ao objeto.

Falar sobre formas de tratamento pode parecer, inicialmente, algo simples e categórico. Este segundo poderia acontecer se partíssemos do pressuposto de que a definição

sobre tal uso está só, e somente só, dentro de um livro de normas da língua portuguesa. O fato é que formas de tratamento vão além das normas gramaticais. Já o “simples” fica por conta de qualquer falante. Ora, qualquer falante, de qualquer língua, tem competência comunicativa para saber qual pronome usar quando se direciona a alguém. A questão é saber qual forma, a quem e por quê. E isto, caro leitor, é que não é simples e nem categórico.

Sem mais delongas, esta pesquisa tem o objetivo de analisar a alternância das formas de tratamento pronominais, TU e VOCÊ, e seus complementos verbais referentes à segunda pessoa do discurso, TE, TI, CONTIGO, SE, SI, CONSIGO, à luz do que propôs Cintra ([1972] 1986), numa discussão em que o autor analisou tratamentos nominais, pronominais e verbais. A amostra usada é referente a dados de fala de estudantes de cursos de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), gravados através de entrevistas realizadas no segundo semestre de 2019².

Este trabalho se propõe a identificar, descrever e analisar o uso sincrônico das formas de tratamento na amostra investigada, com foco na variação entre os pronomes TU e VOCÊ de segunda pessoa do singular, e suas possíveis motivações, partindo do princípio histórico (CINTRA, 1986 [1972]; FARACO, 2017 [1996]), de processos de gramaticalização (HOPPER, 1991 apud RUMEU, 2012) e de pesquisas e postulados baseados na Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH et al., 2006 [1968], LABOV, 2008 [1972]).

Tendo em conta a heterogeneidade da língua, que pode sofrer variação sem assim prejudicar o entendimento entre os seus falantes, e que “a mudança é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais” (WEINREICH et al., 2006 [1968], p. 139), esta pesquisa vem contribuir para a ampliação desses entendimentos. Vem reforçar também a ideia de que o uso de uma forma não aparece em detrimento de outra, ou seja, duas formas podem “competir” na comunicação sem que qualquer uma delas seja considerada menos importante em termos de uso.

Assim temos que

² A metodologia de coleta de dados será apresentada não Capítulo 3 deste trabalho.

o fato de em uma comunidade, ou mesmo na fala de um único indivíduo, conviverem tanto a forma ‘tu’ quanto a forma ‘você’ não pode ser considerado marginal, acidental ou irrelevante em termos de pesquisa e de avanço de conhecimento. A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes – o que podemos perceber quando observamos que as pessoas à nossa volta falam de maneiras diferentes, mas sempre se entendendo perfeitamente. (COELHO et al., 2015, p. 16).

Sobretudo, este trabalho visa a investigar nas entrevistas: i) se predomina o uso de TU; ii) se as formas de tratamento escolhidas variam de acordo com relações de simetria e assimetria; e, iii) se os informantes alternam entre os pronomes TU e VOCÊ num mesmo trecho de fala e quais as motivações desse uso, caso ocorra alternância.

Levando em conta a Teoria da Variação e Mudança as pesquisas³ desenvolvidas no âmbito do Projeto de Variação Linguística da Região Sul do Brasil (Varsul) relacionando TU e VOCÊ e a história da evolução do pronome VOCÊ, entende-se que os usos desses pronomes têm influência de fatores como local de nascimento, etnia colonizadora, região em que se vive e relações pessoais de simetria ou de assimetria entre os interlocutores. Dito isto, e com base na análise desenvolvida em meu Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras realizado na UFSC (GRANDO, 2016), a hipótese é que encontrarei o predomínio das formas de TU (tanto na posição de sujeito, quanto nas posições de seus paradigmas⁴ possessivos, imperativos e complementos verbais) quando se tratar de fala de pessoas que nasceram e/ou moram na região da Grande Florianópolis/SC, e predomínio das formas de VOCÊ quando se tratar de pessoas que nasceram no interior do estado de Santa Catarina ou em outros estados brasileiros, com exceção do Rio Grande do Sul.

Lembrando que as fronteiras deste estudo se estabelecem nos limites da segunda pessoa do discurso, para melhor compreensão do processo da alternância dos pronomes TU e VOCÊ, o olhar é direcionado a duas perspectivas diferentes. Primeiro, para o percurso histórico, que possibilita observar os princípios que regem a alternância de tais pronomes e que podem revelar que fatores sociais determinaram a variação dessas formas. Segundo, para análises sincrônicas que mostram a atualidade em que as formas TU e VOCÊ são usadas nas diferentes regiões no sul do Brasil⁵.

³ Coelho e Gorski, 2011; Nunes de Souza, 2011; Nunes de Souza, 2015; Nunes de Souza e Coelho, 2015; Grando, 2016; Gouveia, 2019; Coelho, 2019; Coelho e Nunes de Souza, 2020; entre outras.

⁴ Lanço mão da definição a que cheguei em meu TCC: “Para analisar esses pronomes de 2ª p.s., olharemos para todas as formas que se referem aos pronomes *tu* e *você*, definindo-as como *paradigmas*. Classificamos, então, esses paradigmas (de *tu* e de *você*) em sujeito, possessivo, imperativo e complemento (clíticos)”. (GRANDO, 2016, p. 14).

⁵ Cfe. Ramos, 1989; Loregian-Penkal, 1996; Loregian-Penkal, 2004; Franceschini e Loregian-Penkal, 2015, entre outros.

Falando em metodologia, para a análise e discussão de dados, esta pesquisa fez uso da amostra de fala de entrevistas realizadas no ano de 2019⁶, cuja organização foi feita pelas professoras Dr.^a Izete Lehmkuhl Coelho⁷, Dr.^a Isabel Monguilhott⁸ e Dr.^a Loremi Loregian-Penkal⁹, ministrantes da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia¹⁰, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente, a amostra faz parte do banco de dados do Projeto Varsul da Agência UFSC, que é coordenado pela professora Dr.^a Isabel Monguilhott.

De acordo com um protocolo pré-estabelecido pelas professoras da disciplina, baseado no protocolo de coleta realizado pelo grupo coordenado pela professora Dr.^a Raquel Freitag (UFS)¹¹, foi desenvolvido um quadro com categorias de: i) deslocamento regional, e ii) tipo de graduação acadêmica exercida pelos informantes que participaram de entrevistas guiadas pelos alunos da Disciplina de Sociolinguística e Dialectologia. Os dados contidos em (i) e (ii) são características sociais que podem influenciar a alternância do fenômeno linguístico em foco. O diferencial deste projeto está, na medida do possível, na replicabilidade do protocolo de coleta de fala idealizado pela professora Dr.^a Raquel Freitag, agora estendido para os estudos sincrônicos de Florianópolis/SC.

Este trabalho se inicia fazendo uma introdução às formas de tratamento da língua portuguesa, percorrendo sua história e evolução, dando sequência aos pressupostos teóricos sociolinguísticos e revisão de literatura sobre a alternância entre os pronomes TU e VOCÊ, em algumas localidades do Brasil e em Santa Catarina.

Em seguida, vem a metodologia utilizada para a realização do levantamento de dados com a descrição de um envelope de variação, em que se define a variável dependente

⁶ Eu participei do protocolo como entrevistadora também, por ter sido aluna da referida Disciplina.

⁷ Izete Lehmkuhl Coelho é professora titular (aposentada) da UFSC, atuando como voluntária no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, com atividades de ensino e pesquisa nas áreas de Sociolinguística e Dialectologia e Linguística Histórica, com ênfase em estudos sobre a variação e a mudança na (morfo)sintaxe do português, na dimensão diacrônica da língua, sob a perspectiva da Sociolinguística Histórica. Atualmente, é membra do Projeto Variação Linguística da Região Sul do Brasil (VARSUL) e do Projeto Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina (PHPB-SC).

⁸ Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott é professora do Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação da UFSC. Trabalha com ensino de língua portuguesa e desenvolve pesquisa na área de Sociolinguística. É Coordenadora do Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL) e membra do Projeto Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina (PHPB-SC).

⁹ Loremi Loregian-Penkal é professora associada na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, atuando na graduação em Letras/Fonoaudiologia e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, cujos estudos são desenvolvidos no âmbito de variação e mudança, contato Linguístico e ensino/aprendizagem de língua portuguesa, talian e línguas eslavas.

¹⁰ As entrevistas foram realizadas pelos alunos da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, do semestre 2019/2. A amostra atualmente faz parte do banco de dados do Projeto Varsul Agência UFSC.

¹¹ Raquel Freitag é professora do Departamento de Letras Vernáculas, do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe.

(alternância entre os pronomes TU e VOCÊ) e as variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas), diante de oito entrevistas gravadas, partindo do protocolo de coleta de dados usado na disciplina de Sociolinguística e Dialetologia oferecida no curso de Pós-Graduação da UFSC no semestre 2019/2. Posteriormente, é feita a descrição dos resultados sua análise e discussão. Por fim, aparecem as considerações finais, seguidas das referências.

Parte-se, então, para a revisão da literatura sobre formas de tratamento e variação de segunda pessoa do singular.

CAPÍTULO 2

2 REVISÃO DA LITERATURA

Para se chegar ao que hoje conhecemos no Brasil como formas de tratamento, vale caminhar entre a história dessas formas, revisitando obras que registraram e analisaram o sistema de tratamento da língua portuguesa em seu percurso histórico, para compreender a implementação de seu uso. É no passado que buscamos compreender o futuro, enquanto no presente somos ponte entre um tempo e outro.

Alguns questionamentos como ‘por que se usa tal forma de tratamento no meio jurídico’ ou ‘será que não usaremos mais a forma TU’, ainda ficam pairando no ar acadêmico, quando paramos para pensar que a língua está em constante mudança e evolução, e dependem de mais e mais pesquisas. Esses questionamentos “são mais bem analisados pelo estudo detalhado da mudança linguística em andamento” (LABOV, 2008 [1972], p. 192).

Este capítulo, portanto, tem o intuito de fazer uma breve revisão da literatura a partir de estudos sobre formas de tratamento, das mais antigas até as que ainda hoje repercutem na sociedade. Começamos olhando para os tratamentos saindo do berço europeu até chegar ao Brasil, passando rapidamente das relações de nível nacional a regional, do Sul aos limites litorâneos de Santa Catarina.

2.1 SOBRE AS FORMAS DE TRATAMENTO, DO PORTUGUÊS DE PORTUGAL AO PORTUGUÊS DO BRASIL

2.1.1 Contribuições de Cintra (1986 [1972])

Em sua obra de 1972, ‘Sobre formas de tratamento na língua portuguesa’, reeditada em 1986, Luís Filipe Lindley Cintra faz um apanhado histórico das formas de tratamento na língua portuguesa, mas que, como um bom filólogo português que era, “puxa a sardinha” para o seu povo, com mínimas menções ao português brasileiro. Prova disso, as amostras que usa nesse estudo são peças teatrais de portugueses, como Gil Vicente (século XVI), e documentos históricos de portugueses diversos, como de Fernão Lopes (século XV), com mínimas, bem mínimas passagens sobre o Brasil, como apontaremos a seguir.

O que posso afirmar é que foi com essa leitura que pude perceber uma breve cisão entre o português de Portugal e o português do Brasil, ou que pelo menos é uma das primeiras vezes em que essa variação é mencionada, mesmo que a língua seja a mesma – o que

certamente dá indício suficiente de que a língua é um sistema organizado, mas que varia em função de fatores sociais ou outros fatores intrínsecos a ela (COELHO et al., 2015, p. 13).

Em síntese, o que Cintra (1986 [1972]) transparece em seu texto é a justificativa histórica dos usos tratamentais da sociedade portuguesa perante críticas de estrangeiros que analisaram a língua portuguesa (neste caso, um livro publicado em 1961 por Peter Fryer e Patricia McGowan, em Londres), comunicando uma certa estranheza e, segundo Cintra, desagrado do outro para com o sistema português¹². Para Cintra, esses autores estavam reconhecendo apenas o reflexo de estruturas sociais arcaicas de um sistema de relações humanas desatualizado (p. 9-10).

Mas será que esse sistema de tratamentos que se perpetua para além do português de Portugal não carrega ainda raízes arcaicas? Analisando os registros dessa obra de Cintra pode-se ter uma noção da expansão e da persistência de um modo de conceber a sociedade. A propósito disso, o filólogo alemão Harri Meier diz, em 1951, que apesar do sistema tratamental fossilizado, há uma riqueza de possibilidades de uso ao falante da língua portuguesa, que sugere uma distância desejada (CINTRA, 1986 [1972], p. 10). E é com esta reflexão que podemos perceber quando um nativo da língua portuguesa faz uso dos tratamentos ao interlocutor para manter proximidade ou afastamento.

Uma observação que vale ser feita é que o autor delimita seu estudo à linguagem das camadas portuguesas altas, ‘semicultas’, ou seja, não direciona suas reflexões para a linguagem das camadas populares. E, quando cita o Brasil, é para falar apenas sobre uma diferenciação entre os estilos ‘brasileiro’ e ‘português’, em que este último é mais conservador. Segue seu comentário:

A não ser como termo de comparação ocasionalmente aludido, o português do Brasil, que, precisamente neste sector, oferece como se sabe, uma das mais notáveis singularidades que tendem a afastar o <<estilo>> brasileiro do <<estilo>> português de falar: o amplo emprego do pronome *você*, que quase totalmente eliminou da língua corrente das grandes cidades o pronome *tu* (CINTRA, [1972] 1986, p. 11).

Um trecho que seria até bonito se não fosse o pensamento obsoleto de que a forma TU teria sido quase exterminada pelo uso de VOCÊ – o que mais tarde veremos que não acontece no Brasil, dadas as vastas pesquisas sincrônicas (RAMOS, 1989, LOREGIAN-PENKAL,

¹² Peço sua atenção, leitor, a um adendo com um comentário de Carlos Alberto Faraco, no vídeo “Sistema de tratamento do interlocutor no Brasil – as fronteiras se diluíram”, transmitida no canal on-line do Youtube em 02/03/2021, quando cita a fala de um interlocutor espanhol dizendo o seguinte: “Graças a Deus, agora tô entendendo a confusão do português brasileiro”. De fato, ainda hoje, ‘estrangeiros estranham’ bastante a diferenciação entre o português do Brasil e o português de Portugal.

1996, LOREGIAN-PENKAL, 2004, FRANCESCHINI; LOREGIAN-PENKAL, 2015, entre outras) e diacrônicas (COELHO; GORSKI, 2011, NUNES DE SOUZA, 2011, NUNES DE SOUZA, 2015, NUNES DE SOUZA; COELHO, 2015, GRANDO, 2016, GOUVEIA, 2019, COELHO, 2019, COELHO; NUNES DE SOUZA, 2020, entre outras) sobre o tema. Há que se considerar que Cintra (1986 [1972]) desenvolveu esse estudo há quase 50 anos, e, de lá para cá, muito se tem pesquisado no Brasil.

Dando sequência, o autor distingue o campo de observação das formas de tratamento em três tipos:

- a) Tratamentos Pronominais (tu, você, vossa excelência, etc.);
- b) Tratamentos Nominais (o senhor, a senhora, o senhor doutor, o pai, meu amigo, a Maria etc.);
- c) Tratamentos Verbais (quando se faz referência apenas à desinência do verbo ao interlocutor. Ex.: Queres? Quer).

Afirmando que é algo que acontece naturalmente em outras línguas, como em francês, inglês e italiano, Cintra ([1972] 1986) reclassifica as formas de tratamento em três planos:

- a) Formas próprias da intimidade;
- b) Formas usadas no tratamento de igual para igual ou de superior para inferior, sem implicar intimidade;
- c) Formas de reverência, de cortesia, que se subdividem dependendo do nível de distanciamento entre os interlocutores.

A justificativa a que o autor chega para tantas classificações, é que o sistema português parece ligar-se intimamente a uma sociedade fortemente hierarquizada ou que simplesmente tem dificuldades de aceitar uma certa nivelção nas relações, como acontece no Brasil (p. 15-16).

Para dar cabo dessa passagem, Cintra (1986 [1972], p. 28) traz exemplos de peças teatrais (que, apesar de se tratar de literatura refletem de alguma forma a realidade da sociedade da época), como por exemplo a ‘Cena de Assembleia ou Partida’, de Correia Garção (1770), em que se pode perceber a indignação da personagem com o seu marido porque ele não a tratou como ‘fidalga’¹³:

URRACA: Assim se chama, Braz, uma fidalga?

BRAZ: Perdoa, filha, que hoje não me lembro nem de Excelências, nem de Senhorias...

(CINTRA, [1972] 1986, p. 28).

¹³ Filho d’algo; ser filho de alguém nobre, de importância na sociedade, de posses.

Em outra passagem, a mesma personagem com um criado (note-se que com o criado a personagem usa o TU, numa relação assimétrica de superior para inferior):

CRIADO: (...) sente não ter mais, e fica pronto para VOSSAS MERCÊS servir em tudo (...)

URRACA: Mercê? A mim, Mercê? Mercê? Maroto! Atrevido, insolente! Vai-te embora! Tu não sabes falar? Dize a teu amo que te mande ensinar: logo pareces criado de vilão...

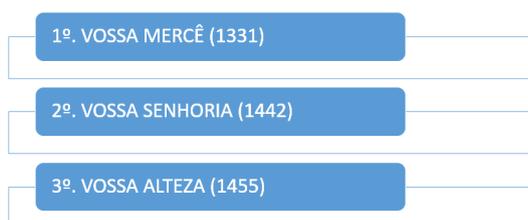
(CINTRA, [1972] 1986, p. 29).

Os exemplos mais antigos de recortes de tratamento que aparecem nas cortes datam, segundo Cintra, de 1331, ainda que na fala de personagens estrangeiros de Fernão Lopes, principalmente quando se dirigem ao rei. Seria um jeito de o autor registrar uma forma de distanciamento, no sentido de o estrangeiro – aquele não pertencente à nação do autor – ter marcada a sua colocação (ou não colocação) na sociedade? Tudo isso, curiosamente, se reflete nas formas de tratamento.

Com o estudo de Cintra ([1972] 1986), tem-se o conhecimento de que o tratamento VOSSA SENHORIA, a partir de 1442, passou a ser usado somente para o rei. Esclarece ainda que as formas ‘a mercê’, ‘a generosidade’, ‘a alteza’ e ‘a senhoria’ são qualidades que se atribuíam à realeza (p. 18) e se espelhavam nos moldes dito à italiana ‘o senhorio’, que conduzem o verbo naturalmente para a terceira pessoa. Esses vestígios vêm de um modelo já antigo do latim *tranquillitas uestra*, de Flavius Eutrópio, historiador romano do século IV.

Essas observações revelam o fato de que a língua portuguesa tem caráter de ‘importação’ de outras línguas – expressões que, ironicamente (para a surpresa de outrem), têm origem estrangeira, em que VOSSA MERCÊ viria do castelhano, e VOSSA ALTEZA e VOSSA SENHORIA viriam do italiano. O fato, como afirma Cintra (1986 [1972], p. 19), é que nessa ambição por uma hierarquia marcada no status social, refletida no tratamento aos nobres com formas que só se usavam para a realeza, a nobreza, embora reclamasse de perdas tratamentais, foi a própria responsável por propagar diversificados tratamentos às demais classes sociais que surgiram séculos mais tarde.

Analisando a ordem de aparecimento dessas três formas, temos:



Numa escala hierárquica, VOSSA MERCÊ prevalece sobre as outras duas formas, usada apenas para o rei. Para ilustrar bem a hierarquização da sociedade portuguesa, Cintra (1986 [1972], p. 21) mostra uma passagem de fala de um personagem de Gil Vicente, da obra *A barca do inferno*, em que um fidalgo trata a si próprio por VOSSA SENHORIA, revelando suas intenções de ascensão social.

É também no século do ouro que se tem a criação das leis de cortesia, encabeçada pelo filho do imperador Carlos V, o rei Filipe II. Publica na Espanha, em 1586, e em Portugal, em 1597 sob aplicação de pena àqueles que “exigissem para si próprios uma fórmula que lhes não fosse adequada” (p. 22). Assim tem-se o preâmbulo:

Dom Filipe, por graça de Deos Rey de Portugal, etc. faço saber aos que esta minha lei virem, que sendo eu informado das grandes desordens e abusos que se têm introduzido no modo de falar e escrever e que vão continuamente em crescimento e têm chegado a muito excesso, de que tem resultado muitos inconvenientes, e que conviria muito a meu serviço e ao bem e sossego de meus vassallos reformar os estilos de falar e escrever e reduzi-los a ordem e termo certo, e praticando-o e tratando-o com pessoas de meu Conselho, e outras de letras, e de experiência, ordenei de prover nisto na forma e maneira ao diante declaradas (...) (CINTRA, [1972] 1986, p. 23)

De acordo com a lei das cortesias de Filipe II, de 1597, pode-se depreender o seguinte quadro de tratamento (Figura 1) (notar o destaque para a extensão do tratamento permitido ao gênero feminino¹⁴):

Figura 1 – Formas de tratamento da lei das cortesias de 1597



¹⁴ Numa época em que não havia ainda discussões de gênero como hoje temos, registrar “(as)” na sequência, quando muito se sabe que o plural inclui tanto o masculino quanto o feminino, é no mínimo curioso.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Cintra (1986 [1972], p. 22-23).

Para facilitar o entendimento das hierarquias em relação aos títulos nobiliárquicos¹⁵ medievais, tem-se a seguinte formação, considerando-se maior o título da esquerda:



A título de curiosidade, olhando para o quadro medieval de tratamento, a forma que até hoje ainda permanece viva, limitada aos âmbitos jurídico e religioso, é VOSSA EXCELÊNCIA. Após essa lei, foi ainda elaborada outra lei em 1739 por D. João V. Mas apesar das tentativas de estabilização das formas de tratamento pelo poder real, as expressões tendiam a continuar expandindo (CINTRA, [1972] 1986, p. 25).

No caminho da ‘decadência’ – termo utilizado por Cintra [1972] 1986, p. 25) – (que eu chamaria de transformação) de VOSSA MERCÊ, que a propósito, ao transformar-se em VOCÊ, traz para si o problema do rearranjo no quadro pronominal (refere-se à segunda pessoa do discurso mas concorda com a terceira pessoa do singular), passo ao detalhe da degradação do uso de VÓS que, segundo o autor, caiu à medida que aumentou exponencialmente o número de pessoas a quem se poderia dirigir com os tratamentos VOSSA MERCÊ, VOSSA SENHORIA e VOSSA EXCELÊNCIA.

É nesse trâmite que surge o VOCÊ como candidato a ocupar o lugar deixado pelo VÓS. O VOCÊ, agora fica “decaído de seu valor original”, mas não a ponto de não poder assumir determinados rastros do VÓS. Aqui temos o indício do rearranjo que hoje temos no quadro pronominal referente ao VOCÊ.

A seguir, um exemplo já do século XVIII que ilustra o emprego de VÓS (e correspondentemente ao da 2ª pessoa do plural dos verbos):

Vós entendeis o que vos estou a dizer?
(CINTRA, [1972] 1986, p. 29).

Independentemente de trazer mais exemplos de passagens que podem ilustrar a ‘decadência’ do VOSSA MERCÊ (decadência para a alta sociedade, no sentido de ampliar seu significado até quase que se perder a noção original), tal processo deu espaço à expansão

¹⁵ Com intuito de estabelecer uma relação de vassalagem, era um privilégio legal que se concedia desde a antiguidade a pessoas que passavam a fazer parte da nobreza. Embora em sua maioria já extintos desde o século XX, ainda existe. A Rainha Elizabeth II do Reino Unido ainda reivindica o título medieval francês de duquesa de Normandia.

progressiva e, embora secular, de forma rápida para as formas de VOSSA SENHORIA e VOSSA EXCELÊNCIA, aproximando-as, em especial esta última, do símbolo de respeito e reverência.

Para encerrar, volto ao ponto da preocupação que a aristocracia portuguesa tinha (em especial, com respeito à alta sociedade do século XV) em não ser tratada por VOSSA MERCÊ, que já estava em ‘decadência’, como se percebe por não ser sequer relacionada na lei das cortesias de Filipe II em 1597 e nem na nova lei de D. João V de 1739, justificada, possivelmente segundo pensava a nobreza, pela sua expansão com tanto excesso para uso de outras camadas mais abastadas da alta sociedade.

Tal preocupação me remete à obra de William Thackeray¹⁶, ‘O livro dos esnobes’ que, muito embora escrito no século XIX, define muito bem como ‘esnobe’ essa parcela da sociedade tão estruturalmente formada por princípios hierárquicos europeus. É logo na seção de Introdução que o autor descreve como esnobe a pessoa “pretensiosa e mais interessada em posições, riquezas e aparências do que em caráter e valor”. Nas palavras de Thackeray, os “esnobes devem ser estudados com quaisquer outros objetos da Ciência Natural e fazem parte do Belo (com B maiúsculo). Eles permeiam todas as classes”.

¹⁶ THACKERAY, William Makepeace. *O livro dos esnobes*: escrito por um deles. Tradução de Reinaldo Guarany. Porto Alegre: L&M, 2010. 256 p. (Coleção L&M POCKET). Disponível em: https://visionvox.net/biblioteca/w/W._M._Thackeray_O_livro_dos_esnobes.pdf

2.1.2 Contribuições de Faraco (2017 [1996])

Na pesquisa intitulada “O tratamento ‘você’ em português: uma abordagem histórica”, Carlos Alberto Faraco revisita sua obra publicada em 1996 e a reedita em 2017. Nela, fornece informações relevantes acerca de como os pronomes TU e VOCÊ foram utilizadas no percurso do tempo.

Ao se reportar à língua latina, o autor nos revela a existência de dois sistemas diferenciados: a forma TU estaria ligada ao tratamento de interlocutor com maior grau de intimidade (no sentido singular), enquanto VÓS tinha por referência interlocutores com grau de distanciamento (no sentido singular), e no plural, era usado para intimidade e distanciamento). Desse modo, “o pronome /tu/ estaria no plano da intimidade e o pronome /vós/ no plano da cortesia” (RUMEU, 2012). O VÓS, por vários fatores sociais, se refletiu em mudanças internas significativas dentro do atual sistema linguístico brasileiro.

Tudo se inicia quando, em Portugal, mudanças tanto políticas quanto econômicas e sociais foram determinantes para o surgimento das chamadas inovações pronominais. A título de exemplificação desta mudança, com base em pesquisas como a de Faraco (2017 [1996] 2017) ou de Cintra (1986 [1972]), pode-se citar a nova configuração econômica da Europa ocidental no século XII que possibilitou a ascensão da burguesia à corte no século XIII permitindo, então, que a classe tivesse condições econômicas e políticas para disputar com a nobreza no século XIV.

Em se tratando da língua, sabemos que toda mudança social está longe de ser neutra. A língua é sobretudo sensível ao menor rearranjo social. Dito isto, passa-se à descrição de algumas transformações políticas e sociais que ocasionaram mudanças no sistema pronominal.

Voltando à história, no princípio, o pronome VÓS era destinado exclusivamente ao rei, mas determinadas mudanças nas classes sociais de Portugal permitiram que o uso do pronome fosse extensivo aos demais interlocutores. Isto fez com que se perdesse o prestígio honorífico, abrindo espaço para o surgimento de novas formas de tratamento. Em síntese, vemos que

O entendimento sobre a introdução de novas estruturas de tratamento está no conhecimento da história e da economia da sociedade portuguesa, sistema econômico que, a partir do século XII, começou a adquirir características novas com o surgimento da burguesia, uma classe social emergente que desenvolveu novas formas de tratamento competindo com as camadas mais nobres da sociedade. (GRANDO, 2021, p. 6).

De acordo com Cintra (1986 [1972]), Faraco (2017 [1996]) e Rumeu (2012), foi no século XV que tivemos os primeiros indícios da substituição gradual da forma VÓS para VOSSA MERCÊ. Rumeu (2012) salienta que essa estratégia objetivava ao mesmo tempo aclamar a benevolência do rei, como também demarcar seu status real, diferenciando-o dos demais tratamentos sociais.

Com maciças transformações, e graças ao “valor social” de VOSSA MERCÊ na corte, a forma passou a também ser utilizada pela burguesia. Foi nesse momento que VOSSA MERCÊ ganhou a equivalência de “tratamento não íntimo entre iguais da aristocracia, [...] que por sua vez, costumava exigir o uso da forma por parte das pessoas de status social inferior (serviçais, subordinados, artesãos etc.)” (FARACO, 2017 [1996], p.118), expandindo o uso entre as classes sociais mais baixas.

E assim, mais uma vez a grande disseminação social deu lugar ao ‘desgaste’ do tratamento honorificado pela aristocracia. A respeito dessa política de adoção pronominal, Faraco ([1996] 2017) pontua que “sempre que uma delas começava a ter um uso mais geral, escapando de um círculo restrito de usuários, estas a abandonavam por outra”. Com isso, sentia-se a necessidade em criar novas formas nominais que resguardassem a diferenciação entre as classes. Foi neste momento que se passou a adotar VOSSA ALTEZA e VOSSA MAJESTADE para se referir ao rei (VOSSA SENHORIA era uso comum entre a aristocracia).

Percebemos que a forma VOSSA MERCÊ passa a ser utilizada como tratamento entre iguais (mesmo nas camadas sociais mais baixas). Foi nesse cenário de expansão de tratamento que a forma VOCÊ foi inserida no sistema linguístico, passando a concorrer com VOSSA MERCÊ até que esta última caiu em desuso nos séculos XVII e XVIII, abrindo espaço de vez para VOCÊ. Faraco (2017 [1996]), discute os impactos dessa abertura pronominal:

Esse fato introduziu na língua uma duplicidade de formas (as herdadas se combinando com a segunda pessoa verbal e as novas se combinando com a terceira pessoa verbal) que acabou por gerar grande instabilidade nos paradigmas verbais e pronominais, redesenhando-os, por consequência; e definindo vários dos traços que caracterizam o português atual. (FARACO, 2017 [1996], p. 116).

Com a manutenção da inovação VOSSA MERCÊ > VOCÊ, surge a concorrência com a já consolidada forma TU no sistema linguístico, gerando uma nova configuração no sistema pronominal ao se referir à segunda pessoa do singular.

2.1.3 Uma breve história do VOCÊ no português

Vale lembrar que, através da história, entendemos a origem da bagagem semântica que o VOCÊ carrega hoje. Faraco (2017 [1996]), que, como pode-se perceber, também mergulhou nos estudos de Cintra ([1972] 1986), desenvolve um trabalho de análise do processo de formação do VOCÊ ao longo do tempo, e mostra, através do contexto histórico, como o tratamento medieval VOSSA MERCÊ tornou-se o atual VOCÊ. Antes de mais nada, há que se frisar que tal processo de evolução levou séculos de transformação.

Em síntese, VOSSA MERCÊ fazia parte de um conjunto de formas de tratamento usadas apenas pela (e para a) realeza portuguesa, conforme o autor bem contextualiza. A partir do momento em que surge uma nova classe na sociedade de Portugal, e, conseqüentemente, esta nova classe passa a usar também a forma de tratamento VOSSA MERCÊ, o rei e toda a realeza ficam descontentes em ter que dividir o privilégio desse tratamento. A nova classe chamava-se burguesia, que surgiu com o desenvolvimento do comércio, e a realeza portuguesa fazia questão de marcar a divisão de classes através da hierarquia nas formas tratamentais.

Voltando ainda mais ao passado, o tratamento pronominal da língua portuguesa tem origem no sistema latino, em que o TU era usado para situações menos formais, e VÓS para formalidades. Daí a nova construção unindo o pronome possessivo referente ao VÓS + Nome (qualidade à benevolência do rei) = VOSSA MERCÊ. Esse novo elemento causa instabilidade no sistema gramatical português, pois, afinal, como apresenta Faraco (2017 [1996]), e como também comenta Cintra (1986 [1972], p. 30-31) quando reflete sobre modificações operadas no sistema verbal, a nova construção se refere à segunda pessoa do singular mas faz rearranjos com a terceira pessoa do singular.¹⁷

¹⁷ Entende-se Gramaticalização, conforme Lopes (2003, p. 15), como um processo emergente subconjunto da mudança linguística, processo pelo qual determinada palavra passa a ser usada como vocábulo gramatical ou como afixo, no curso da evolução de uma língua. “Dizer que um item se torna mais gramatical significa dizer

Com o tempo e expansão de uso, o tratamento VOSSA MERCÊ perde elementos e se funde, formando um novo pronome que une sua primeira sílaba do pronome possessivo (VO-) e a sua última sílaba do substantivo (-CÊ), resultando em VOCÊ, enquanto as outras formas, antes tão valorizadas pela classe mais rica de Portugal, ficam hoje obsoletas.

2.2 PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO DE VOCÊ

Alguns questionamentos surgiram a partir do conhecimento da história de formação do pronome VOCÊ. Como esse processo de mudança linguística de forma nominal para forma pronominal aconteceu? Quais os traços que persistiram e os que se alternaram? Para entender esse processo de mudança correlacionamos as etapas ou princípios de gramaticalização formulados por Hopper (1991 apud RUMEU, 2012) que são: Estratificação, Divergência, Especialização, Persistência e Decategorização com alguns resultados empíricos de Grandó (2016).

A **Estratificação** se refere à coexistência de formas antigas com as novas, convivendo dentro de um mesmo tempo e espaço funcional, como por exemplo, VOSSA MERCÊ (obsoleto) e TU sendo ainda usados pela mesma sociedade que usa a forma mais recente VOCÊ, antigo e novo referentes à segunda pessoa do discurso. Aplicando este princípio da Estratificação à escrita das cartas pessoais de Harry Laus, por exemplo, encontramos o seguinte trecho, em que o escritor usa pronomes relacionados ao antigo TU ao mesmo tempo em que usa o VOCÊ como sujeito:

Tua carta. Vou rubricar o contrato e mandar a Nicassio Perera no endereço MEET. Se ele responder tua carta, teremos algumas informações necessárias. Quanto à carta a Annie Morvan, agradeço teu interesse e tomara que dê certo. Guardarei segredo a respeito e ficarei no aguardo da solução para o caso de Bouthemy apresentar qualquer outra proposta que, de resto, só será aceita se Øconcordares com os termos que propuserem e tendo você como tradutora. (04/05/1991). (GRANDO, 2016, p. 53. Trecho nº 30).

O processo de **Divergência** é aquele em que os termos antigo e novo coexistem no mesmo espaço, mas com significados diferentes, cada um de forma autônoma, por exemplo, VOSSA MERCÊ (forma de tratamento) e MERCÊ (substantivo feminino). A **Especialização** é o processo de restrição sintagmática. Por exemplo: à medida que VOSSA MERCÊ se

que ele passa a assumir posições mais fixas nas sentenças, tornando-se mais previsível em termos de uso” (MARTELOTTA et al, 1996. p. 46 apud LOPES, 2003, p. 16).

pronominaliza, assume a função de sujeito, que é um comportamento legítimo dos pronomes pessoais do português brasileiro (cfe. RUMEU, 2012, p. 44).

Tomando ainda como exemplo as cartas de Harry Laus (GRANDO, 2016), esse princípio se aplica quando o autor opta por usar o VOCÊ apenas na posição de sujeito quando trata de assunto profissional num mesmo trecho em que usa formas de TU.

Gostei muito de **tua** conferência sobre os problemas da tradução. Acho que é perfeita para ser dita ou lida no Brasil. Confesso que sempre me admirou muito o quanto **voce** consegue ser fiel ao escritor, inclusive ao ritmo da frase. (22/11/1987). (GRANDO, 2016, p. 36. Trecho nº 1. Grifos da autora).

Perder uma jóia, vá lá, mas perder uma árvore... Agora **voce** não tem mais sombra. Acredito que o tal coquetel tenha sido para pessoas que **te** devolverão a jóia, caso não a confundam com os doces da festa. De qualquer forma, se não aparecer, levo-**te** outra quanto for. (31/01/1988). (GRANDO, 2016, p. 36. Trecho nº 3. Grifos da autora).

O processo de **Persistência** se divide em duas partes: (a) Persistência do Traço Formal, em que a nova forma VOCÊ se constitui como pronome de segunda pessoa do discurso, mas concorda formalmente com a terceira pessoa, traço herdado do antigo VOSSA MERCÊ; (b) Persistência Semântica, em que a forma gramaticalizada VOCÊ conserva o caráter indireto, distante e formal, que são características peculiares à forma nominal antiga VOSSA MERCÊ, e o grau de indiretividade é maior que o que o TU emana.

Aplicando o princípio da Persistência nas cartas de Harry Laus, vê-se claramente que a persistência do traço semântico de distanciamento herdado das antigas formas se mostra no tratamento das suas primeiras cartas à Claire Cayron, como se pode ver nos trechos a seguir

Fiquei muito feliz por **Øter** gostado de minhas novelas e sobretudo pelo interesse em traduzir “As Horas de Zenão das Chagas”. (10/03/1984). (GRANDO, 2016, p. 52. Trecho nº 20. Grifos da autora).

Veio também o folheto do Encontro de Tradutores e agora é a vez de se falar nas traduções que **voce** já fez. (22/11/1987). (GRANDO, 2016, p. 52. Trecho nº 24. Grifos da autora).

Uma observação que reforça o princípio da Especialização, conforme as cartas de Harry Laus (GRANDO, 2016), é a de que as formas de tratamento usadas pelo autor são extremamente formais nos primeiros contatos entre ele e a tradutora (que começou entre 1984 e 1986).

Prezada Mme. Claire Cayron (10/03/1984). (GRANDO, 2016, p. 45. Trecho nº 14. Grifos da autora).

O tempo melhor é o verão (entre dezembro e março), se é que a **senhora** gosta de mar e calor. (25/11/1986). (GRANDO, 2016, p. 45. Trecho nº 15. Grifos da autora).

Comparando esses usos tratamentais com os usos de pronomes de segunda pessoa do discurso, percebemos que, no período de primeiro contato entre os dois correspondentes, Harry Laus usava o VOCÊ, conforme ilustram as duas primeiras linhas do Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Relação entre vocativos, assunto da carta e formas de tratamento

ANO	VOCATIVOS	ASSUNTO	FORMAS DE TRATAMENTO
1984	Prezada Mme. Claire Cayron	Profissional	VOCÊ
1986	Muito prezada senhora Claire Cayron	Profissional	VOCÊ, senhora
1987	Prezada senhora Claire Cayron	Profissional	VOCÊ, Mme.
	Muito prezada Mme. Claire Cayron	Profissional	VOCÊ
	Minha cara clara Claire	Profissional	VOCÊ
	Muito prezada e amiga Claire	Profissional	VOCÊ, TU
	Muito prezada Claire	Misto	TU, dear
1988	Prezada Claire	Profissional	TU
	Querida Claire	Profissional	TU
	Dear Clarinha	Profissional	VOCÊ, TU
	Muito prezada Claire	Profissional	TU, dona Clarinha
	Dear Claire	Pessoal	TU, Clarinha
	Minha cara Clarinha de Bordeaux	Profissional	VOCÊ, TU, madame
1989	Prezada Claire	Misto	VOCÊ, TU, minha Clara
1989	Claire	Misto	TU
	Chère Claire	Misto	TU
1992	Claire, ma fleur	Misto	TU

Fonte: Adaptado de Grando (2016, p. 42).

Nota: As formas dos vocativos estão reproduzidas *ipsis litteris*, incluindo grafia e pontuação.

O que também se observa, após analisar o Quadro 1, é que, no período em que Harry Laus e sua tradutora trocam as primeiras correspondências, o assunto das cartas é profissional, como analisa Grando (2016). Ou seja, ao tratar de assunto profissional com alguém que ainda não tem proximidade, o escritor escolhe usar o VOCÊ, ao mesmo tempo em que usa formas de tratamento formais, sinalizando o distanciamento semântico no tratamento.

Por último, o processo de **Decategorização** acontece como uma das últimas etapas da gramaticalização, em que evidencia os traços da forma mais nova e perde ou neutraliza traços

mais antigos. Por exemplo, no caso da gramaticalização de VOSSA MERCÊ (pronome possessivo + nome) para VOCÊ (pronome), o novo termo apresenta mais traços de pronome e menos traços de nome. Ou seja, como explica Rumeu (2012, p. 47-48), ainda que o inovador VOCÊ combine concordâncias com a terceira pessoa do discurso, já se deixa evidenciar muito mais como pronome de segunda pessoa (P2)¹⁸ e/ou cercado dessas formas de P2.

No caso da gramaticalização VOSSA MERCÊ > VOCÊ, conforme Rumeu (2012, p. 49) conclui, baseada nos postulados de Hopper (1991), VOCÊ manteve os traços de caráter indireto, passando pelo princípio da Persistência, adquiriu novos traços semânticos e se decategorizou.

2.2.1 Motivações para os usos entre VOCÊ e TU a partir das cartas de Harry Laus

O processo de introdução do VOCÊ no sistema de pronomes da Língua Portuguesa e, ainda, a alternância de tratamento de segunda pessoa do discurso, entre TU e VOCÊ, têm sido foco de estudos nos últimos anos para contribuição à história do Português Brasileiro (PB), conforme Rumeu (2012) afirma em seu artigo. Com base em suas reflexões, pensadas a partir de pressupostos funcionalistas, amparadas por Hopper (1991 apud RUMEU, 2012), começa-se aqui pensando na própria contribuição para a história do PB, de forma a atestar as hipóteses levantadas pela autora, muito embora, nesta resenha, testada com corpora de um único missivista, Harry Laus.

As reflexões tratadas nesse item são feitas a partir da análise de cartas escritas no período de 1984 a 1992, pelo escritor catarinense Harry Laus à sua tradutora francesa, tema de minha monografia da Graduação em Letras Português (GRANDO, 2016), baseada na perspectiva laboviana da Teoria da Variação e Mudança. Na monografia, além do trabalho metodológico, são apresentadas resenhas de textos que tratam da evolução do pronome VOCÊ, bem explanadas por Faraco (2017 [1996]), e da alternância entre os pronomes TU e VOCÊ, discutida por Lopes e Marcotulio (2011). Tais textos são mencionados a fim de que se compreenda o uso alternado desses pronomes por Harry Laus em suas cartas ao longo de oito anos de correspondência com sua tradutora.

Aqui se correlacionam as reflexões sociolinguísticas iniciadas em Grando (2016) com os princípios da gramaticalização postulados por Hopper (1991 apud RUMEU, 2012), de forma a atestar a formalidade e distanciamento de VOCÊ em contraposição à intimidade e proximidade inspiradas por TU.

¹⁸ P1 a P6 são as seis pessoas gramaticais (eu, tu, ele, nós, vós, eles), em que as três primeiras são do singular e as demais do plural, conforme descreveu Joaquim Mattoso Câmara em seu livro *Estrutura da Língua Portuguesa*.

Para entender um pouco do caminho que os dois pronomes trilharam até que se chegasse a esse ponto de alternância e competição pragmática, volto a dizer que há que se olhar para a história e para resultados de pesquisas diacrônicas. Hoje entende-se que VOCÊ já faz parte do quadro pronominal do português brasileiro na maioria das regiões brasileiras.

2.2.2 Os usos tratamentais nas cartas de Harry Laus (GRANDO, 2016)

Este recorte foi feito para identificar algum tipo de influência linguística, histórica e estilística no uso das formas de tratamento na escrita do autor catarinense Harry Laus em suas cartas para sua tradutora francesa. Ele, personagem central de minha monografia (GRANDO, 2016), é ilustre e escolarizado, pistas para que se entendam suas escolhas pronominais.

O que se percebe é que, inicialmente, ao entrar em contato com a tradutora, Claire Cayron, via carta, o escritor procura usar recursos de tratamento formais quando trata de assuntos profissionais. Essa percepção está registrada na saudação das cartas e nas escolhas por VOCÊ, que, segundo alguns estudos (cf. COELHO; GÖRSKI, 2011, NUNES DE SOUZA, 2015, GRANDO, 2016, GOUVEIA, 2019, COELHO; NUNES DE SOUZA, 2020, entre outras integrantes do projeto Varsul), traz em sua história resquícios de distância e formalidade.

Esse distanciamento representado pelo pronome VOCÊ e pelas formas de tratamento formais como MADAME e MUITO PREZADA (GRANDO, 2016, p. 31) usadas nas primeiras cartas, pode ser comparado com as formas de tratamento escolhidas pelo autor nos últimos anos de correspondência, em que ele e Claire Cayron já são amigos. Nessas últimas correspondências, depois de já se conhecerem pessoalmente e de se tornarem íntimos, Laus passa a usar formas carinhosas de tratamento, e o pronome TU no lugar de VOCÊ. Tal análise atesta a herança latina de que tutear tem caráter menos formal.

Há alguns pontos interessantes de se pontuar quando Harry Laus começa a usar o pronome TU (GRANDO, 2016). O pronome TU combina-se com verbo que apresenta marca de concordância verbal padrão de segunda pessoa do singular em todas as suas cartas, e aparece preferencialmente como sujeito nulo. TU e VOCÊ são também usados para o mesmo interlocutor distintamente, TU para assuntos particulares e VOCÊ para assuntos profissionais, esse uso às vezes se dá num mesmo trecho de uma mesma carta. Importante lembrar que se trata de um missivista ilustre e escolarizado, características que todo sociolinguista ‘que se preze’ leva em conta em suas análises.

Correlacionando os usos tratamentais de Harry Laus com os princípios de Gramaticalização postulados por Hopper (1991), a motivação que levou o escritor a selecionar VOCÊ para tratar de assuntos profissionais e não de assuntos íntimos (mesmo inconscientemente), provavelmente foi a de manter a formalidade e o distanciamento profissional (herança das formas de tratamento que marcaram hierarquias na sociedade portuguesa do século XV), análise percebida somente após a leitura das cartas na íntegra, para entender o contexto¹⁹.

Acreditamos que o uso de TU nas cartas de Harry Laus escritas em meados da década de 1990 se justifique pelo fato de o autor ser de uma região litorânea de Santa Catarina, da cidade de Tijucas, em que se registra predomínio de uso desse pronome (conforme pesquisas do Projeto Varsul²⁰). E sendo também o TU indica menor distanciamento do que o VOCÊ, tutear foi a forma que Harry Laus encontrou de demonstrar proximidade ao longo do tempo com Claire Cayron, sua tradutora e, posteriormente, amiga.

Por fim, ficam algumas questões. Por mais que o TU fosse predominante na região do autor, fazendo parte de seu vernáculo, o que levou Harry Laus a alternar o pronome VOCÊ para TU ao longo de suas correspondências? Será que o momento em que Claire assina pela primeira vez uma das cartas como ‘Clarinha’ foi uma espécie de ‘deixa’ para Laus começar a se aproximar através de formas de tratamento menos distantes? E ainda, muito embora as línguas portuguesa e francesa tenham herança em comum no latim, tutear seria uma característica mais francesa ou mais brasileira? Reflexões que, enfim, provavelmente nunca serão respondidas mesmo com futuras leituras.

2.3 ALTERNÂNCIA DOS PRONOMES *TU* E *VOCÊ* NO BRASIL

Rumeu (2012), que claramente bebeu dos estudos de Cintra (1986 [1972]) e Faraco (2017 [1996])²¹, nos fornece um panorama da utilização do VOSSA MERCÊ no Brasil que, juntamente com VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA, era usado de modo produtivo na época setecentista e oitocentista. (cfe. também ilustram LOPES; DUARTE, 2003; e MARCOTULIO, 2008).

Por meio das cartas setecentistas, a autora constatou que o pronome VOCÊ era empregado no Brasil como sinal de cortesia, especificamente em relações assimétricas,

¹⁹ Ver anexos em Grando (2016) ou dissertação de Maria Albertina Freitas de Melo (2001), a qual contém todas as cartas que Harry Laus escreveu.

²⁰ Ramos, 1989; Loregian-Penkak, 2004; Coelho, Görski, 2011; Nunes de Souza, 2015; Nunes de Souza, Coelho, 2015; Loregian, Franceschini, 2015; Gouveia, 2019.

²¹ Nas primeiras edições ou nas mais atuais dos autores.

enquanto sua concorrente VOSSA MERCÊ era mais produtiva na classe alta em relações simétricas e também nas relações com grau de assimetria descendente de cunho hierárquico.

A autora nos chama a atenção para dois importantes movimentos que espelham a mudança do uso diferenciado do pronome: primeiro, o declínio de VOSSA MERCÊ como tratamento de cortesia; e, segundo, a ascensão do pronome VOCÊ como forma prestigiosa e elitizada na era oitocentista.

A expansão das variantes do VOSSA MERCÊ, que causou uma mudança significativa no sistema pronominal, pode ser pensada ao comparar os diferentes cenários sociais vividos no Brasil, cujas classes sociais, diferentemente de Portugal, eram menos fluidas e organicamente segmentadas entre os donos de terras e a classe trabalhadora. As questões sobre formas de tratamento em Portugal eram privilégio da aristocracia.

Quando a colonização iniciou no final o século XVI, a forma VÓS já estava em desuso aqui no Brasil, e as transformações morfológicas sofridas pelo VOSSA MERCÊ já estavam bem consolidadas. Para compreender os reflexos desta mudança, Faraco (2017 [1996], p. 122) nos apresenta resquícios que evidenciam a existência de formas variadas do Vossa Mercê no sistema pronominal de segunda pessoa do português, encontradas especialmente no dialeto caipira do interior de São Paulo, em que as denomina de erosões fonéticas:

Nessa variedade, vós não ocorre; tu é raro (e, quando ocorre, se combina com a terceira pessoa do verbo); mas diferentes formas relacionadas com Vossa Mercê são usadas: vosmecê, vossuncê, vassuncê, mecê, vancê, vacê, ocê e você. (FARACO, 2017 [1996], p. 122).

Em decorrência dessas transformações, várias mudanças gramaticais também foram observadas, isto porque, com a simplificação morfológica e fonética, houve a extinção das formas verbais de segunda pessoa do plural, que por sua vez contribuiu para a reconfiguração dos paradigmas verbais de segunda pessoa do singular combinada com as formas verbais de terceira pessoa, chamado de ‘revolução da terceira pessoa’ (termo citado por Marilina dos Santos Luz, em 1957, e registrado por Carlos Alberto Faraco em seu estudo de 1996). Vale lembrar que o problema do ‘rearranjo’ dessas formas verbais fora citado também por Cintra (1986 [1972]).

Apresentado o solo em que se disseminou o processo de evolução de VOCÊ e princípios de alternância entre TU e VOCÊ no Brasil, parte-se agora para as principais pesquisas realizadas na região sul do Brasil, especialmente em Santa Catarina.

2.4 PRINCIPAIS ESTUDOS DA ALTERNÂNCIA *TU* E *VOCÊ* EM SANTA CATARINA

2.4.1 Loremi Loregian-Penkhal (2004, 2005)

De forma mais aprofundada em estudos de sincronia, Loremi Loregian-Penkhal foi uma das pesquisadoras de enorme contribuição a se ocupar da análise tanto de concordância quanto da alternância *TU* e *VOCÊ* na fala da região Sul. Como integrante do Projeto Varsul desde os anos 1990, teve contato com pesquisas e bancos de dados que influenciaram seus trabalhos, e desses últimos, duas cidades sulistas chamam a atenção – Florianópolis/SC e Porto Alegre/RS – pela predominância de *TU* nas entrevistas registradas.

Sua tese (LOREGIAN-PENKHAL, 2004) reanalisou a concordância em falas nas localidades de Porto Alegre (no Rio Grande do Sul), Florianópolis e Ribeirão da Ilha (em Santa Catarina), proposta em seu trabalho anterior de 1996, e estendeu a análise para outras cidades do interior catarinense – Blumenau, Chapecó e Lages –, e mais três cidades do interior do Rio Grande do Sul – Flores da Cunha, Panambi e São Borja, sendo todos os dados pertencentes ao Projeto Varsul. E ainda, com o intuito de aumentar a abrangência do estudo, além da concordância, a autora analisou também a alternância pronominal entre *TU/VOCÊ*, na esperança de verificar “até que ponto esses pronomes estão em uso no Sul” (LOREGIAN-PENKHAL, 2004, p. 14).

Tendo em mente que a escolha da autora pelas cidades de Porto Alegre e Florianópolis (além das outras localidades) foi devido aos resultados encontrados em 1996 a respeito da concordância em relação ao pronome *TU*, é factual que sua tese é de extrema importância para a presente dissertação, visto que o trabalho apresenta o comportamento da alternância *TU/VOCÊ* nessas regiões. Vale ressaltar que em sua pesquisa, Loregian-Penkhal (2004) explica o porquê de não analisar esse tipo de variação em outras cidades como Curitiba e Pato Branco, por exemplo, já que aí o predomínio categórico é do pronome *VOCÊ*.

Outra observação curiosa é a de que Ribeirão da Ilha é um bairro pertencente a Florianópolis. Ou seja, para quem não conhece a localidade, entende que Florianópolis e Ribeirão da Ilha são duas cidades diferentes, quando, na verdade, o Ribeirão é uma sublocalidade da capital catarinense. A informação se torna mais curiosa ainda quando tomamos o conhecimento que de dentro da própria cidade existem mais subdivisões, isto é, a variação linguística que existe no norte da ilha, por exemplo, é, em determinada escala, diferente da variação linguística do sul ou do leste da ilha. Fica a dica de leitura para interessados nesses estudos: acesse o Projeto Varsul.

Voltando à tese de Loregian-Penkhal (2004), em que se analisa os contextos em que são usados o TU ou o VOCÊ, o levantamento de dados analisou 24 entrevistas referentes a cada uma das cidades selecionadas, tanto de Santa Catarina quanto do Rio Grande do Sul, incluindo ainda 11 entrevistas do Ribeirão da Ilha (aquela localidade pertencente a Floripa), totalizando 203 informantes que foram categorizados em sexo, escolaridade e faixa etária.

Ao analisar a correlação entre as variáveis sociais e a escolha dos pronomes, a autora parte do pressuposto laboviano “que tal variação não é aleatória ou livre, mas sim motivada ou controlada por fatores linguísticos e extralinguísticos, tornando-se possível analisar e descrever tal heterogeneidade” (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 86). É importante destacar que a autora determinou a análise para testar o comportamento da variação entre TU/VOCÊ nas falas tanto na comunidade quanto no indivíduo, de forma a entender se os informantes se comportavam de forma diferente nas suas situações (se em uma situação, por exemplo, tinham uso categórico de uma forma e, em outra situação, resolviam alternar os pronomes).

De forma geral, os resultados de Loregian-Penkhal (2004) apresentaram os seguintes resultados:

- a) Lages foi a cidade que apresentou o maior número de falantes de VOCÊ, embora ainda haja alternância TU/VOCÊ;
- b) As mulheres mostraram maior probabilidade de usos de TU, dando indícios de que essa é a forma prestigiada nas localidades de Porto Alegre, São Borja, Flores da Cunha, Florianópolis Panambi, Ribeirão da Ilha e Chapecó; considerando que a tendência das mulheres é serem mais conservadoras em relação ao uso de variante de maior prestígio;
- c) A expectativa de que Florianópolis seria conservadora no uso de TU se confirmou parcialmente, mas gerou frustração, pois o peso relativo (0,32) foi menor que a porcentagem de usos do tal pronome (76%);
- d) Chapecó mostrou-se como a cidade mais conservadora no uso de TU.

Já a pesquisa “Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista”, Loregian-Penkhal (2005) apresenta resultados de sua tese de doutorado (LOREGIAN-PENKAL, 2004), buscando investigar os pronomes de segunda pessoa em cinco localidades de Santa Catarina: Florianópolis; Ribeirão da Ilha, Chapecó, Blumenau e Lages. O foco da pesquisa foram as variáveis sociais que se relacionam diretamente no processo de alternância TU e VOCÊ com o objetivo de investigar se o pronome VOCÊ está substituindo o TU no português brasileiro. Por fim, a pesquisa concluiu:

- e) Que o pronome VOCÊ é produtivo em Lages e Blumenau;
- f) A predominância do uso de VOCÊ no Paraná;
- g) A maior incidência de TU no Rio Grande do Sul;
- h) Que TU e VOCÊ são usados de modo muito equiparado em Chapecó, com pouca vantagem para o uso do TU; e,
- i) A utilização predominante do uso de TU em Florianópolis e Ribeirão.

Por meio dos resultados apresentados por Loregian-Penkal (2005), ficou constatado o equívoco da premissa de Cintra (1986 [1972]), “o pronome VOCÊ está substituindo o TU no português brasileiro”, pois os resultados evidenciam que TU ainda é de uso recorrente e bastante produtivo na região Sul. Generalizações improcedentes são, nesse caso, contrariadas pelos dados *in vivo*.

Por fim, outro apontamento feito por Loregian-Penkal (2004) é a apresentação do sistema pronominal em livros didáticos que legitimam apenas o pronome TU. VOCÊ é apresentado, em geral, em notas de rodapé ou em listas de pronomes de tratamento. Para a autora, o debate em questão merece “uma reflexão linguística mais coerente com a realidade de uso pelos falantes” (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 231) e advoga veementemente que devemos considerar a existência das duas formas: TU e VOCÊ.

2.4.2 Coelho e Görski (2011)

Coelho e Görski (2011) também empreenderam estudo do tema sob o título “A variação no uso dos pronomes TU e VOCÊ em Santa Catarina”. Neste trabalho, as autoras consideram os aspectos sincrônicos e diacrônicos a fim de descrever a alternância pronominal de segunda pessoa. O principal objetivo do estudo foi analisar como ocorre o processo de encaixamento dos pronomes TU e VOCÊ na comunidade de Santa Catarina. Para tanto, foi imprescindível considerar o princípio empírico de encaixamento de Weinreich et al. (2006 [1968]).

No tocante à inserção das formas TU e VOCÊ em Santa Catarina, as autoras recorrem aos estudos de Furlan (1989), Ramos (1989), Menon e Loregian-Penkal (2002), que revelam as possíveis hipóteses de encaixamento que os dois pronomes tiveram na região:

- a) O pronome de segunda pessoa TU teve vias de entrada nas regiões litorâneas;
- b) VOCÊ teria entrado pelas regiões do planalto;

- c) Em comunidades com alta produtividade do pronome TU, a entrada do VOCÊ teria consolidado o sistema de relações simétrica e assimétrica, definindo, assim, que TU seria usado em situações menos formais e com um grau de proximidade com o interlocutor, enquanto o uso do VOCÊ seria usado em situações formais e com menos proximidade com o interlocutor.
- d) Uma outra hipótese afirma que a inserção do pronome VOCÊ fez surgir “novas possibilidades combinatórias”, em que passou a ser rearranjado com possessivos e oblíquos referentes ao TU (teu e te);
- e) Outra, considera que a entrada do pronome VOCÊ no sistema linguístico afetou o sistema de flexão verbal, já que se passou a admitir (VOCÊ + verbos de terceira pessoa) que fez com que alguns autores postulassem que a combinação tenha gerado a predisposição para o preenchimento do sujeito. (DUARTE, 1995; LOREGIAN-PENKAL, 2004);
- f) A inserção do pronome VOCÊ teria provocado “o enrijecimento da ordem sujeito-verbo-objeto SVO” (COELHO, 2006).

Como se pode depreender, são várias as consequências que a entrada do pronome VOCÊ implementou no sistema linguístico do português falado na região de Santa Catarina. É a partir destas observações que Coelho e Gorski (2011) advogam que a entrada do novo pronome ocasionou um “rearranjo” no sistema linguístico de Florianópolis, em que as duas variantes TU e VOCÊ estão em intensa concorrência (tuteamento e voceamento).

As autoras defendem, ainda, que existe uma diferença significativa quanto ao uso dos pronomes na região, uma vez que na capital Florianópolis observa-se o uso preferencial pelo pronome TU, quando em Lages (região de planalto) o uso corrente é VOCÊ. Embora haja pontos divergentes quanto à escolha dos pronomes, elas deixam clara a existência da alternância, isto é, ora os falantes usam TU ora usam VOCÊ.

O estudo também confirmou os resultados de Loregian-Penkhal (2004), que defendeu que o pronome TU ainda é de uso expressivo, e a concorrência entre as formas TU e VOCÊ é bem difundida no sistema linguístico da região, sendo, portanto, imprescindível o estudo dos impactos dessa variação.

2.4.3 Franceschini e Loregian-Penkal (2015)

Outro estudo de relevância é o das autoras Franceschini e Loregian-Penkal (2015) “Variável Sexo/Gênero e o Uso de Tu/Você no Sul do Brasil”, um trabalho que foi realizado nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mais especificamente nas cidades de Florianópolis, Blumenau, Lages, Chapecó e Concórdia e em quatro cidades gaúchas: Porto Alegre, Panambi, São Borja e Flores da Cunha. O principal objetivo dessa pesquisa foi construir uma análise comparativa do uso dos pronomes entre homens e mulheres nos dois estados da região Sul do país. O interesse das autoras está além da descrição da variação pronominal, pois analisam também como a entrada do pronome VOCÊ refletiu em mudanças no sistema linguístico do português da região Sul.

A pesquisa foi realizada com base em entrevistas de 24 informantes de cada cidade, considerando as variáveis sexo-gênero, faixa etária e níveis de escolaridade distintos. Os dados revelaram, entre outras coisas, que as mulheres têm um comportamento mais conservador, com o uso preferencial pelo pronome TU, enquanto os homens se mostraram agentes da inovação tendo o uso preferencial pelo pronome VOCÊ.

Outro aspecto constatado foi que o comportamento que norteia a escolha dos pronomes não está atrelado apenas às diferenças entre sexo-gênero, uma vez que o nível de escolaridade e a faixa etária do falante também são determinantes na escolha de uma das formas. Chegar a essas interseções só foi possível porque elas consideraram indispensável dar “importância [...] à correlação dos fatores” (FRANCESCHINI, LOREGIAN-PENKAL, 2015, p. 203), assim, os dados não ficaram limitados a observações gerais.

Atentas a essas correlações dos fatores, foi possível analisar como os diferentes estratos sociais moldam o comportamento verbal dos indivíduos quanto ao uso dos pronomes TU e VOCÊ. Dessa forma, foram pontuadas as seguintes observações:

- a) Preferência do pronome TU por parte de mulheres mais velhas e de baixa escolaridade;
- b) O contrário no comportamento linguístico em mulheres mais jovens e com grau de escolaridade mais elevado, em que se percebe uma nítida preferência pela forma inovadora VOCÊ.

As autoras esclarecem ainda que o uso das formas está intrínseco ao falante, já que a escolha representa muitas vezes uma marca identitária, dado que cada falante tem o uso abrangente e preferencial por um determinado pronome.

O estudo também revela que o grau de simetria e assimetria entre os participantes da interlocução faz também o falante oscilar entre uma forma e outra:

O pronome **tu** na região Sul é usado principalmente com pessoas mais íntimas: familiares, amigos próximos, jovens, **marcando uma menor formalidade** entre os falantes. Dessa forma, se a condição social ou profissional do falante lhe propiciar pouco contato com outras pessoas, além dos familiares e próximos, provavelmente o pronome conservador e mais íntimo tu vai predominar em sua fala. (FRANCESCHINI; LOREGIAN-PENKAL, 2015, p. 202. Grifos meus).

Menon (1995) afirma que, no que tange à concorrência TU e VOCÊ, há predominância do segundo na maior parte do país, mas essa informação não invalida a dominância do uso do TU em outros estados como Santa Catarina, Rio Grande do Sul e regiões Norte e Nordeste. Constata ainda outro aspecto marcante dessas áreas, como o uso do TU combinado com verbos não da segunda, mas da terceira pessoa do singular. A respeito da inserção do novo pronome (VOCÊ), Menon (1995) esclarece também que passaram-se a admitir as duas formas dentro do paradigma verbal (-s para TU e Ø para VOCÊ), desse modo, a inserção do pronome VOCÊ alterou o sistema pronominal, uma vez que também impôs mudanças ao paradigma verbal.

Seguindo ainda essa linha do ‘novo pronome’, ao citar Lopes e Duarte (2003), as autoras Franceschini e Loregian-Penkhal (2015, p. 185) afirmam que “o pronome VOCÊ já está perfeitamente integrado ao sistema de pronomes pessoais” do português brasileiro, pois substituiu a forma canônica TU em muitas regiões.

Se expandirmos o olhar para o mapeamento que a Prof.^a Dr.^a Marta Scherre fez com base em amplos estudos realizados por diversos pesquisadores em diferentes lugares do Brasil²², conseguimos perceber que os pronomes TU e VOCÊ ainda estão em competição no Brasil. Então, é notável que o campo de análise do fenômeno de alternância entre TU e VOCÊ é vasto, e ainda há muito a ser revelado, pois, como visto, variação tende a espelhar em mudanças que devem ser analisadas e sistematizadas, a fim de que se possa compreender como estão se ordenando e quais impactos são encontrados no sistema linguístico.

²² Maria Marta Pereira Scherre é pesquisadora do CNPq, professora do PPGEL da UFES, e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. É autora do livro Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro.

CAPÍTULO 3

3 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

Como já dissemos, a abordagem metodológica usada para o desenvolvimento desta pesquisa vem amparada na Teoria da Variação e Mudança, a partir dos princípios empíricos de variação e de mudança, em que esta última “é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais” (WEINREICH et al., 2006 [1968], p. 139). O fenômeno a ser observado é variável, tendo em vista a competição das duas variantes de segunda pessoa do singular, TU e VOCÊ, tanto na fala quanto na escrita em diversas regiões brasileiras.

Descrevemos inicialmente a amostra utilizada nesta pesquisa, indicando a estratificação e a identificação dos informantes que foram controlados. Em seguida, é apresentado o envelope de variação que serviu de base para a descrição e a análise dos dados. Para a categorização desses dados, além de levarmos em conta informações constantes no protocolo de coleta disponível, foi necessário adotar um método de identificação de trechos das falas dos informantes. Essas informações foram importantes para a caracterização das variáveis extralinguísticas.

Compõem o envelope de variação, a variável dependente – alternância dos pronomes TU e VOCÊ – e as variáveis independentes linguísticas (preenchimento do sujeito, complementos verbais, pronomes possessivos e verbos imperativos de segunda pessoa) e extralinguísticas (informante, sexo/idade, grau acadêmico do informante e deslocamento). Todos os dados foram caracterizados com o auxílio das ferramentas do Excel e submetidos ao programa estatístico Goldvarb 2001.

A partir dessas considerações, passa-se, então, para a descrição da amostra.

3.1 A AMOSTRA

Como já apontamos, a amostra de fala usada nesta pesquisa foi coletada pelo grupo de alunos da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia do segundo semestre de 2019, do curso de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, grupo ao qual eu pertencia. Cada um dos alunos ficou responsável por entrevistar dois informantes para fazer cumprir o protocolo planejado inicialmente. Porém, do total das 16 entrevistas feitas pela turma, foram aqui selecionadas apenas oito, assim em número reduzido e delimitado para que se pudesse transcrever e cumprir a análise em tempo hábil do Mestrado.

A metodologia seguiu um protocolo pré-elaborado e a coleta de fala se subdividiu em tipos de deslocamento, ou seja, movimentação da residência até a Universidade, feita por alunos de cursos de Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Tais deslocamentos estão representados conforme o Quadro 2:

Quadro 2 – Tipos de deslocamento

Deslocamento 1	Alunos que nasceram e moram em Florianópolis
Deslocamento 2	Alunos catarinenses que moram na região metropolitana da Grande Florianópolis
Deslocamento 3	Alunos catarinenses do interior do estado de Santa Catarina que migraram temporariamente para o entorno da UFSC
Deslocamento 4	Alunos de outros estados que migraram temporariamente para estudar na UFSC

Em segundo lugar, como mostram os Quadros 3 e 4, foi feita a estratificação dos deslocamentos em dois tipos, início e final da Graduação e distribuídas duas entrevistas para cada deslocamento.

Quadro 3 – Nível acadêmico

Início do Curso	Alunos entre a 1 ^a e 3 ^a fases da graduação
Final do Curso	Alunos entre a 7 ^a e 10 ^a fases da graduação

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 – Estratificação dos deslocamentos²³

	Deslocamento 1	Deslocamento 2	Deslocamento 3	Deslocamento 4
Fase acadêmica	Início/Final	Início/Final	Início/Final	Início/Final
Quantidade de informantes	2	2	2	2

Fonte: Elaborado pela autora.

Embora tenha sido elaborado pelas professoras Dr.^a Izete Lehmkuhl Coelho, Dr.^a Isabel Monguilhott e Dr.^a Loremi Loregian-Penkal para uma amostra de Santa Catarina, o protocolo de coleta foi elaborado com base no protocolo idealizado pelo grupo coordenado pela professora Dr.^a Raquel Freitag, na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

As entrevistas seguiram um roteiro pré-estabelecido na disciplina (Anexo I), com perguntas de cunho acadêmico, político, econômico e social, no intuito de estabelecer um

²³ Na versão original, foram estratificadas 16 entrevistas. Neste trabalho delimitamos a quantidade.

padrão de assunto em que se poderia analisar a fala dos informantes. No entanto, esse documento serviu apenas de guia para o entrevistador que, por muitas vezes, deixou a conversa fluir naturalmente a fim de que não se “engessasse” o diálogo ficando presos por perguntas e respostas e por ‘vácuos’ na gravação, representados por momentos em que se está folheando papéis em busca das perguntas. A análise do formato de determinadas entrevistas é subjetiva, no sentido de que o entrevistador, por vezes, deixa o vernáculo se manifestar, ou seja, mesmo que o informante entre em assunto que não está planejado, deixa-se a conversa seguir adiante da forma mais natural possível.

As gravações têm tempo médio de uma hora e foram realizadas com ótimos recursos tecnológicos, a partir de aparelhos de celular ou gravador disponibilizado pelo Projeto Varsul, que também cedeu o espaço como local de gravação. A sala do núcleo Varsul, localizada no quarto andar do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC (sala 409), é um espaço amplo, silencioso e arejado, o que resolveu o problema da ‘dificuldade de ouvir e gravar’ a que Labov (2008 [1972], p. 223) se refere:

Gravações de fala observadas em uso real são quase sempre de qualidade muito deficiente. Os foneticistas acústicos coletam seus dados em salas à prova de som, sob as melhores condições possíveis. No trabalho de campo, verificamos que ruídos na sala, barulho da rua e outras interferências reduzem a qualidade fonética de nossos dados. (LABOV, 2008 [1972], p. 223).

No tocante às performances das gravações, por mais que seguissem o mesmo roteiro, registraram formas particulares de condução, sendo algumas mais presas ao texto e outras mais fluidas, tornando uma possível formalidade de entrevista em uma conversa espontânea – o que é mais esperada e onde o informante se desprende de automonitoramento, conforme Labov (2008 [1972], p. 223) indica: “Se o informante for levado para ser gravado sob condições ideais, sua fala terá as propriedades da fala formal, direcionada, que tentamos evitar”.

Ao lidar com fala, o problema que o pesquisador deve considerar, segundo Labov (p. 220), é a atenção dada à fala sobre a sua ‘agramaticalidade’, em que o informante produzirá frases gramaticalmente malformadas e instantaneamente se autocorrige, sabendo que está em uma situação de atenção voltada à sua fala:

Houve um tempo em que os linguistas da escola bloomfieldiana declaravam que os falantes nativos nunca cometiam erros. Mas o ponto de vista oposto prevalece hoje em dia: o de que a fala é cheia de formas agramaticais (...).

Acredita-se em geral que um *corpus* extraído da língua falada não constitui boa evidência, já que conterà vários exemplos de frases malformadas que os próprios falantes condenam e mudam quando sua atenção é chamada para elas. (LABOV, 2008 [1972], p. 220).

Apesar desses problemas metodológicos, ocasionados pelo automonitoramento da fala e pela possível influência do entrevistador, induzindo propositalmente as respostas²⁴ sem que o informante perceba (conforme expõe a teoria laboviana), em determinado momento, a condução da conversa acabou transformando a formalidade das entrevistas em uma conversa mais fluida. Entrevistador e entrevistado interagiram de forma que a conversa se tornou a mais natural possível. Este, pois, é o âmbito em que o vernáculo se aflora e onde a observação linguística deve ser realmente depositada.

3.1.1 Estratificação dos informantes

Conforme dito anteriormente, das 16 entrevistas feitas por todos os alunos da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia, foram selecionadas apenas oito para a presente análise. Para cada um dos quatro tipos de deslocamentos foram locadas duas entrevistas, distribuídas aleatoriamente entre início e final da Graduação. Os oito informantes estão registrados conforme o Quadro 5 a seguir.

²⁴ “Do ponto de vista do entrevistador, a interação foi uma maneira sistemática de provocar as formas exatamente desejadas, no contexto desejado, na ordem desejada e com o contraste estilístico desejado”.

Quadro 5 – Estratificação dos informantes

	Informante	Naturalidade	D	Idade	Sexo	Graduação	Fase
1	MA28_D1i_CNT	Florianópolis/SC	1	28	M	Ciências Contábeis	Final
2	FM25_D1i_LIB	Florianópolis/SC	1	25	F	Letras Libras	Início
3	MH17_D3i_HST	São Lourenço do Oeste/SC	3	17	M	História	Início
4	FG25_D2f_ODO	São José/SC	2	25	F	Odontologia	Final
5	FT26_D4f_EEL	Jataí/GO	4	26	F	Engenharia Elétrica	Final
6	FL18_D4i_RLI	Curitiba/PR ²⁵	4	18	F	Relações Internacionais	Início
7	FC18_D2i_LIB	Florianópolis/SC	2	18	F	Letras Libras	Início
8	MA22_D3f_DIR	Joinville/SC	3	22	M	Direito	Final

Fonte: Elaborado pela autora.

Nota: As idades e fases registradas são referentes ao ano de 2019.

Vale ressaltar que, a seleção de informantes tinha como ideal a escolha por estudantes de cursos que se fizessem distantes da área de Letras. Porém, dentro do que se pôde fazer para cumprir o prazo exigido pela disciplina na época e, levando em conta a dificuldade de encontrar pessoas dispostas a dar entrevista, foram selecionados alguns estudantes de Letras Libras. Todavia, leva-se em conta que são alunos em fase inicial da graduação, o que nos dá a vantagem de supor que ainda não têm a consciência linguística esperada de alunos de final da graduação.

Centralizamos o protocolo na cidade de Florianópolis/SC porque partimos do pressuposto de que os nascidos e residentes nessa região têm em seu vernáculo o uso frequente do pronome TU, assim como as formas de seus paradigmas, como apontam estudos anteriores²⁶.

Conforme ilustrado no Quadro 5, os informantes estão identificados levando em conta as variáveis independentes: sexo, idade, deslocamento, curso e fase que frequenta na Graduação. Seguem alguns exemplos de trechos de fala coletados conforme (1), (2) e (3):

²⁵ Vale registrar que esta informante, embora tenha a cidade de Joinville/SC como sua naturalidade, de acordo com a ficha social e a entrevista, informa que viveu poucos anos de sua infância na cidade catarinense, e logo foi embora para a cidade de Curitiba/PR em que realmente tem lembranças de sua infância. Por isso, nesta amostra, decidimos categorizá-la com o Deslocamento 4. Mas não é de nosso intuito jamais alterar os dados e tornar a pesquisa tendenciosa; até mesmo porque, independentemente da naturalidade, as duas cidades têm predomínio de usos do mesmo sujeito pronome, o VOCÊ. A categorização feita foi apenas uma forma de equilibrar a quantidade de informantes para cada parte do protocolo (dois informantes para cada deslocamento).

²⁶ Cfe. Loregian-Penkal, 2005; Franceschini; Loregian-Penkal, 2015; Nunes de Souza; Coelho, 2015; Grando, 2021.

- (1) Eu consigo me comunicar bem... assim... já tenho uma relação assim com as pessoas, já consigo me comunicar bem, sabe, não falar só tipo ‘Oi tudo bem’... ‘Ah tu visse aquilo lá?! Nossa!’. (FC18_D2i_LIB)
- (2) As expressões tudo... se tu não fizer a expressão certa, não vai dar pra mostrar a intensidade daquele negócio e tudo o mais. (FC18_D2i_LIB)
- (3) (...) é tipo quando o cara vem com uma seringa e enfia no pescoço pra fazer a coleta de amostra do tecido. (FT26_D4f_EEL)

Um aspecto que não foi levado em consideração neste estudo como variável independente específica, mas observado nas gravações, é que, dentre os entrevistadores residentes em Florianópolis, ocorre predominantemente a concordância verbal não marcada com o pronome TU – algo muito recorrente na fala dos informantes – e a alternância entre os pronomes TU e VOCÊ nos mesmos trechos de fala, conforme exemplos como (4) e (5), como será discorrido no capítulo de análise. Chegamos a levantar a hipótese de que o entrevistador poderia influenciar a fala do informante com “gatilhos”, mas descartamos essa análise nesse momento por ser um controle muito mais complexo de se fazer.

- (4) Eu adoro fazer peixe na brasa, que é... escalado, né? TU ABRE ele... tempera com sal... eu tempero com sal, pimenta, cebola, tomate, vai direto pra churrasqueira, pra grelha, fogo baixo, fica maravilhoso! (risos) (MA28_D1i_CNT)
- (5) Ah TU NÃO TINHA isso antes? (...) Antes de fazer o vestibular, CÊ queria fazer línguas? (ENTREVISTADOR FV38)²⁷

Sendo eu mesma uma das entrevistadoras participantes, vale registrar que fazer análise da própria fala pode ser um “tiro no pé”, ou seja, além de eu pertencer à área da Linguística como aluna da Pós-Graduação, as escolhas de usos podem ter sido feitas de acordo com a condução da entrevista. Ou também, posso ter caído na minha própria “armadilha linguística” e ter-me deixado levar pela conversa, de forma espontânea, em que meu vernáculo fluiu (considerando que nasci no estado do Rio Grande do Sul e moro há mais de 30 anos em Florianópolis), alternando entre os pronomes sujeitos, como registra **minha fala** em (6):

- (6) TU QUIS fazer Ciências Contábeis por quê? (...) CÊ tava lá no Direito...²⁸

²⁷ As falas dos entrevistadores não foram consideradas nesta pesquisa, mas aqui no exemplo foi identificada como do sexo feminino, com idade 38.

²⁸ Não existe etiqueta para essa ocorrência, pois os dados dos entrevistadores não foram categorizados. Portanto, como se trata da minha própria fala e eu fui uma das entrevistadoras, o trecho não segue o mesmo padrão de identificação das demais ocorrências.

Também não foram considerados vocativos e formas de tratamentos nominais, como inicialmente tínhamos proposto analisar (algo como “senhora” ou “amiga”, por exemplo), por não termos encontrado dados dessa natureza nas falas dos informantes.

3.1.2 Elaboração das identificações

Para que os informantes da amostra pudessem ser identificados, partiu-se para a elaboração de uma etiqueta conforme mostra o Quadro 5 e o exemplo abaixo, de forma individual e anônima, apresentando informações de deslocamento, sexo, idade, curso e fase que o aluno frequentava naquele momento da entrevista. Dados que serão primordiais para a análise²⁹.

Exemplo: MA28_D1i_CNT

No exemplo acima, os dados que podemos depreender do informante são, consecutivamente: sexo masculino (M), seu nome com inicial “A”, 28 anos de idade, deslocamento 1 (nascido e residente em Florianópolis, cfe. Quadro 2) e aluno em fase inicial do curso de Graduação em Ciências Contábeis.

Passa-se agora à composição do envelope de variação, descrevendo as variáveis dependente e independentes.

3.2 VARIÁVEL DEPENDENTE E VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Para realizar a análise sociolinguística da amostra mencionada, definiu-se um “envelope” de variação, ou seja, grupos de fatores, compostos por dois tipos de variáveis: variável dependente e variáveis independentes.

A variável dependente é a alternância entre os pronomes de segunda pessoa do singular, TU e VOCÊ; e as variáveis independentes são as forças linguísticas e extralinguísticas que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante, conforme descrições a seguir.

Ao fazer o cruzamento entre essas variáveis, usando o programa estatístico Goldvarb 2001, podemos ter uma noção da correlação entre os pronomes e suas evoluções e tendências.

²⁹ Os dados de todos os informantes estão registrados em fichas sociais, preenchidas voluntariamente pelos próprios entrevistados, que também assinaram um termo de autorização de uso de sua fala, desde que de forma anônima. Cada um recebeu um certificado de participação e suas entrevistas estão arquivadas no banco de dados linguísticos do Projeto Varsul.

3.2.1 Variável dependente

A variável dependente se refere à alternância entre os pronomes de segunda pessoa do singular: TU e VOCÊ³⁰, conforme os dados de fala a seguir:

- (7) VOCÊ pode, aqui do CCE, VOCÊ pode se dirigir até a biblioteca, que ali a gente tem o ponto de ônibus, e ir de ônibus. Ou VOCÊ pode, VOCÊ vindo de carro pra cá, VOCÊ pode estacionar... (FG25_D2f_ODO)
- (8) Só que é uma escola pública só, então tipo tudo que tem lá é muito perto, porque é muito pequena a cidade, então é aquele negócio tipo, ah TU não precisa depender de ônibus, a gente pode ir de bicicleta, entendeu? Então ah não eu quero um pãozinho, e TU tem uma bicicleta, TU vai lá rapidinho e volta, lá tem pouco trânsito também, sabe, porque é muito pouca gente. (FC18_D2i_LIB)
- (9) A minha experiência foi ver que a Universidade é algo muito focado pro individual, e tipo assim, uma competição que TE apresentam logo quando VOCÊ entra aqui ela TE estimula de várias formas. (MH17_D3i_HST)
- (10) E lá em Goiás assim, o sotaque, que é, é, tem essa coisa mais marcada como é aqui no Sul, né, que nem TU comentou ali do Rio Grande do Sul que é “bah”, é “tchê”, é o falar cantado né? (...) VOCÊ vê quando é mais extremos assim (...) Se for o Michel Temer falando, você fala p*ta que pariu! Da onde veio esse português? (FT26_D4f_EEL)

Ainda que primordial, a variável dependente não é a única a ser categorizada num estudo sociolinguístico. Para dar continuidade, então, passa-se à classificação das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

3.2.2 Variáveis independentes linguísticas

Baseada em pesquisas anteriores vinculadas ao Projeto Varsul, aqui se buscará coletar dados seguindo as correlações das variáveis linguísticas conforme a seguir.

³⁰ Em muitas ocorrências os pronomes TU e VOCÊ foram usados pelos informantes em sua forma genérica. Esse aspecto, entretanto, não foi controlado neste trabalho como variável independente, ficando aberto para novas pesquisas. O que observamos foi um uso alternado entre os pronomes TU e VOCÊ na comunidade investigada, independentemente de traço semântico de definitude ou de genericidade.

(1) Preenchimento do sujeito pronominal de 2ª pessoa do singular

- Sujeito Nulo (formas de TU e VOCÊ)³¹
 - (11) É relaxa, ØPODE perguntar à vontade (FC18_D2i_LIB)
 - (12) Eu não acho violento. ØTEM que tomar cuidado, ficar esperto pra andar à noite (MA22_D3f_DIR)
- Sujeito Expresso (formas de TU e VOCÊ)
 - (13) Não, é que a pessoa que já dança há um tempão é zoeira né, vai e só dá-lhe! Rs... Mas é bem legal, eu gosto também, é bom a pessoa se sentir... Porque eu também já senti isso entende? Tipo, quanto TU tá começando, às vezes TU fica tímido, TU fica constrangido, sabe? Ah! Não é que eu vou lá pra fazer a "mãe", só é que eu vejo uma pessoa que tá começando e vou... às vezes eu tiro, mas assim, não é isso, é só que.. tá, também tem que incentivar, entendeu, a pessoa tem que sentir que ela pode rs... é muito ruim, eu passava isso, quando TU tá começando, TU vai pro baile, TU não tem coragem de tirar e ninguém te tira, sabe? É bem ruim, é bem ruim rs... (FM25_D1i_LIB)
 - (14) Não, acho que nem sempre porque tem gente que vai pra escola e continua falando do jeito que quer fora da escola, acho que, que a linguagem que VOCÊ aprende na escola é diferente da linguagem que VOCÊ precisa usar, porque não adianta VOCÊ vai sair da escola falando tudo certo, se VOCÊ não conseguir se comunicar às vezes é mais fácil VOCÊ falar pranta né? (FL18_D4_RLI)

(2) Complementos verbais (em suas formas acusativas, dativas e oblíquas)

- Formas associadas a TU
 - (15) Sim, no inglês, quando eu fui pra lá, depois da... Eu achei muito interessante isso... Nunca gostei muito de gramática, então estudar gramática pra mim era chato, tanto português como inglês... As regras. Mas quando tu chega lá, e tu começa (...) E tu começa a ter que se virar, pronto! Não tem muito segredo. As pessoas... tem gente que TE olha de cara feia... (MA28_D1i_CNT)
 - (16) Aí minha mãe falou "nossa Libras combinou exatamente pra TI porque tu é muito expressiva (FC18_D2i_LIB)
 - (17) Porque isso TE dá capacidade de competir de igual pra igual com outras pessoas que às vezes não são tão favorecidas quanto você (FT26_D4f_EEL)

³¹ Para saber se os sujeitos nulos eram de formas de TU ou de VOCÊ foram utilizadas informações contextuais sobre os usos pronominais que os informantes utilizavam ao longo das entrevistas. Sempre que havia dúvidas, o dado foi deixado de fora.

Pela análise do contexto, (11) apresentou uso categórico de TU na fala, enquanto (12) apresentou uso categórico de VOCÊ em toda a entrevista. Dessa forma, podemos identificar que o Sujeito Nulo em (11) é relativo ao pronome TU, assim como em (12) o Sujeito Nulo é relativo ao VOCÊ.

- Formas associadas a VOCÊ

(18) Você tá pegando e sei lá, excluindo a situação né, você tá excluindo o fato de uma mulher estar falando para uma assembleia inteira de homens, então, você tem que dar um suporte a mais. Tipo, claro que falar que é empoderada não vai melhorar a situação em termos práticos, né, mas tipo assim, você apoiar, você pegar e falar assim "não, qualquer coisa estamos aqui para LHE ajudar nesta causa", tipo assim você acaba melhorando a situação porque daí impulsiona o movimento, você acaba desempenhando, tipo assim, sei lá, motivação nas pessoas a construírem o movimento, sabe? Por isso acho que esse debate não é mimimi porque realmente ele é efetivo. (MH17_D3i_HST)

(3) Pronomes possessivos

- Formas associadas a TU

(19) Não, ele não vai brigar comigo, tipo, acho que amizade elas vão se... Tipo... Um cara que ele tem um pensamento assim ao extremo acho que eu não conseguiria ter uma... Tu não consegue ter um relacionamento de amizade. É TEU colega, pode ser TEU colega, pode ser uma vez ou outra.... (MA28_D1i_CNT)

- Formas associadas a VOCÊ

(20) Sim, tenho Facebook, Instagram e uso direto o WhatsApp. (...) De forma moderada sim, porque às vezes é bom pra tá inteirado né, no que tá acontecendo, porque às vezes um amigo, um conhecido SEU passou na prova da OAB, daí é legal ter uma notícia dessa né (...) porque se você não vê por ali, às vezes não vai saber, só vai saber muito tempo depois né (MA22_D3f_DIR)

(4) Verbos imperativos (em suas formas indicativas e subjuntivas)

- Formas associadas a TU

(21) Só fui no Coordenador pedir "Oh, vai rodar metade da turma, então, por favor, (porque ela não é do nosso Centro na verdade)... Por favor, DÁ teus pulo porque não tem condição... (MA28_D1i_CNT)

- Formas associadas a VOCÊ

(22) É... Eu, tipo, eu não consigo parar em nenhum filme, eu acho meio desagradável assim... Claro, tá com sono, beleza. Mas, porque tu perde assim a... acho que... A desenvoltura, o que tá acontecendo ali, não sei. Mas VEJA, é muito bom! (MA28_D1i_CNT)

3.2.3 Variáveis independentes extralinguísticas

A consideração pelas teorias sociolinguísticas e as categorizações linguísticas são assuntos essenciais para o desenvolvimento da presente análise (e para qualquer pesquisa sociolinguística laboviana). É fundamental também a expansão das variáveis para além das linguísticas, sobretudo a partir de uma amostra de fala recente, ou seja, ampliando o olhar para o lado social, para os dados que representam o indivíduo dentro de uma comunidade,

onde se pode pensar sobre ‘signos’ que tornam essa pessoa quem ela é individual e coletivamente, afinal,

(...) não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Tendo essas premissas em mente, passa-se agora à categorização das variáveis independentes extralinguísticas.

(5) Variável ‘informante’

São oito identificações de informantes, em que a primeira letra representa o gênero/sexo, a segunda é a inicial do nome e, por último a idade (de acordo com o Quadro 2). Exemplos conforme caracteres grifados:

MA28_D1i_CNT

FG25_D1f_ODO

Após o primeiro traço *underline* vem a identificação do tipo de deslocamento (1 a 4, cfe. Quadro 2) seguida da rotulação da fase do curso (inicial ou final). Por último, a indicação do curso, como os exemplos de legenda a seguir (conforme também identifica o Quadro 5):

- LIB - Libras
- ODO - Odontologia
- CNT - Ciências Contábeis

(6) Variável ‘sexo/idade’ - Relação entre entrevistador e informante

Embora tenhamos abandonado a ideia de analisar os ‘gatilhos’ ditos por quem estava entrevistando, não descartamos completamente a intenção de observar a fala do entrevistador em relação ao entrevistado. Correlacionamos idade e sexo dos entrevistados com idade e sexo do informante e elaboramos as seguintes categorias conforme Quadro 6:

Quadro 6 – Relação entre entrevistador e informante – sexo/idade

Categoria	Sexos	Idades
1	Iguais	Semelhantes
2	Iguais	Diferentes
3	Diferentes	Semelhantes
4	Diferentes	Diferentes

Fonte: Elaborado pela autora.

(7) Variável grau acadêmico do informante

Como já explicado anteriormente, a variável ‘Grau Acadêmico’ identifica em que fase da Graduação na UFSC o informante se encontrava no momento da entrevista. Assim, tem-se a categoria ‘Fases iniciais’ para alunos entre a 1ª e 3ª fases, e a categoria ‘Fases finais’ para alunos entre a 7ª e 10ª fases do curso (Cfe. Quadro 3):

- Fases Iniciais (i)
- Fases finais (f)

(8) Deslocamentos

Assim como demonstrado no Quadro 2 (tipos de deslocamento), no começo da seção 3.1, a variável deslocamento indica o tipo de movimentação do informante, de sua residência até a universidade. No Quadro 7 a seguir, é descrita a categorização dos deslocamentos, descrição e sua representação.

Quadro 7 – Categorização dos deslocamentos

Categoria	Descrição	Representação
D1	Deslocamento 1	Nascidos e residentes na ilha de Florianópolis
D2	Deslocamento 2	Nascidos e residentes em cidades que compõem a Grande Florianópolis
D3	Deslocamento 3	Nascidos no interior do estado de Santa Catarina
D4	Deslocamento 4	Nascidos em outros estados brasileiros

Fonte: Elaborado pela autora.

O deslocamento nos informa se o entrevistado mora na mesma cidade em que está a universidade ou se precisa se deslocar em grande distância para estudar, e ainda, se teve que migrar de uma região afastada para morar nos entornos da UFSC, com o objetivo único de frequentar a universidade.

3.3 HIPÓTESES

A partir de todas essas variáveis, são formuladas as seguintes hipóteses:

- a) Considerando as variáveis linguísticas, espera-se que o pronome TU esteja mais correlacionado com o sujeito nulo, clítico TE e possessivo TEU e uso preferencial de formas do imperativo indicativo. No caso do pronome VOCÊ, espera-se que esteja correlacionado a sujeito expreso, ao possessivo SEU, e, ainda, a formas do imperativo subjuntivo. Com respeito ao complemento, o clítico TE deve ser o mais frequente, independentemente de o sujeito ser TU ou VOCÊ.
- b) Espera-se, ainda, que embora se use o sujeito VOCÊ, haverá o uso do clítico TE, alternando assim os paradigmas VOCÊ e TU, em suas formas de sujeito e complemento verbal.
- c) Com base em pesquisas anteriores³², informantes nascidos em Florianópolis ou na Grande Florianópolis usarão predominantemente o pronome TU em sua fala. Já informantes nascidos no interior do estado catarinense ou em outros estados (diferentemente de Rio Grande do Sul) vão usar preferencialmente o pronome VOCÊ.
- d) A relação tratamental entre entrevistador e informante será simétrica (sem relação de hierarquia tratamental) devido à semelhança entre as idades dos entrevistadores e dos entrevistados e ao meio acadêmico em que ambos estão inseridos.

Para atestar as hipóteses levantadas, mesmo que embasadas em pesquisas já realizadas, uma pesquisa sociolinguística tem o compromisso de olhar para dados empíricos. Por isso, a partir daqui, passa-se aos capítulos derradeiros que contemplam descrição dos dados análise e considerações finais.

³² Loregian-Penkal, 2004; Franceschini; Loregian-Penkal, 2015; Nunes de Souza; Coelho, 2015; Grando, 2021.

CAPÍTULO 4

4 ANÁLISE VARIACIONISTA

Antes de iniciar a análise variacionista dos dados coletados e categorizados, conforme descritos no capítulo anterior, vale registrar a importância da realização de entrevista e do banco de dados linguístico ao qual ela passou a fazer parte.

Por mais que usemos a metodologia de entrevista laboviana, em que uma de suas principais características é o automonitoramento, levamos em conta que muito tempo já se passou desde que Labov apresentou os primeiros esboços de entrevistas sociolinguísticas. Portanto, assim como Valle e Görski (2014, p. 94) propõem, fazemos uso dessa amostra de fala indo além do que representa o gênero ‘entrevista’, analisando os dados “por trás do rótulo entrevista”, dado que “a entrevista sociolinguística se constitui como rica fonte de dados linguísticos para a observação da língua em uso na comunidade de fala”.

Quando falamos que um trabalho se vale da metodologia de William Labov, procura-se analisar, sobretudo, padrões linguísticos e sua relação com estilos isolados de contextos e também sua relação com a comunidade. Nesta pesquisa, são aqueles em que os informantes fazem uso dos pronomes TU e VOCÊ. Assim, levamos em consideração a fala individual e os padrões que se associam à amostra selecionada – neste caso específico, uma comunidade acadêmica restrita: alunos de cursos de Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Fazendo uso, então, das informações que conseguimos coletar até aqui, passemos à descrição dos resultados e à análise das relações entre as variáveis linguísticas e extralinguísticas.

4.1 RESULTADOS

Depois de transcritas algumas entrevistas, de coletados os trechos de fala e categorizadas todas as informações referentes às formas de TU e VOCÊ, fizemos rodadas estatísticas utilizando o programa Goldvarb 2001. Obtivemos o total de 442 dados, destes, 148 são formas de TU (33,5%) e 294 formas de VOCÊ (66,5%). Entre todos esses dados investigados, não encontramos referência alguma a tratamento nominal conforme esperávamos.

Desse total, fazem parte dados linguísticos em relação aos contextos sintáticos de sujeito, complementos verbais, possessivos e imperativos. Dos dados de sujeito, observamos também o preenchimento (nulo e expresso) e a presença ou não de concordância verbal.

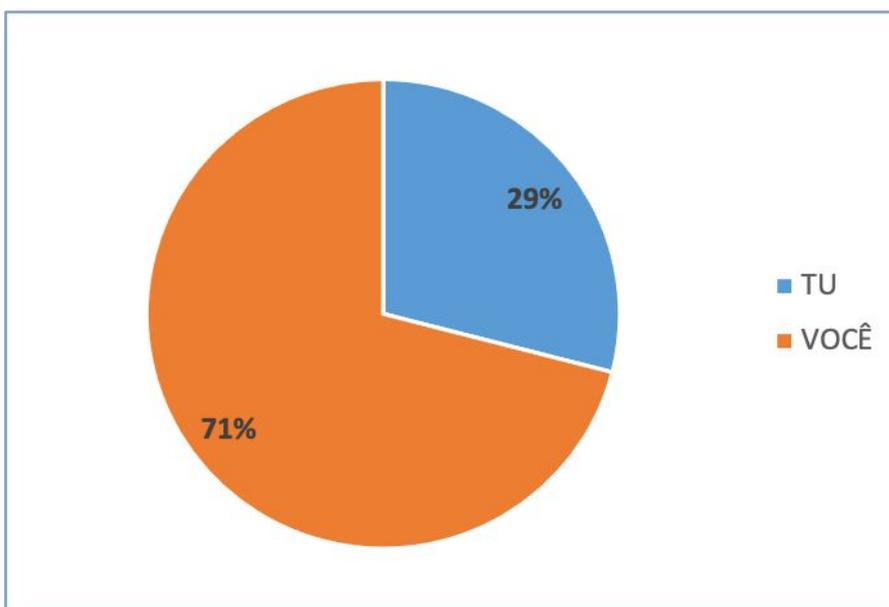
Todos esses contextos foram observados à luz de características sociais como idade, sexo, grau acadêmico e tipo de deslocamento.

Começamos a análise pelos dados em relação à variável sujeito, já que é a categoria sintática que apresenta o maior número de registros, e, também, por ser uma das informações essenciais para esta pesquisa.

4.1.1 O sujeito pronominal de 2ª pessoa do singular

De acordo com a metodologia variacionista usada para o levantamento das variáveis descritas no capítulo anterior, os dados referentes ao sujeito foram categorizados, resultando em um total de 391 ocorrências, com 114 dados de sujeito TU (29%) e 277 dados de sujeito VOCÊ (71%), conforme ilustra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Ocorrências de sujeitos



Fonte: Elaborado pela autora.

Desse total de ocorrências de sujeitos de TU e de VOCÊ, 389 dados são de sujeito expreso e apenas dois em que o sujeito se manifesta de forma nula, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Ocorrências de sujeitos

Sujeito	TU	VOCÊ
Expresso	113/389 (29%)	276/389 (71%)
Nulo	1/2 (50%)	1/2 (50%)
Total	114/391 (29%)	277/391 (71%)

Fonte: Elaborada pela autora.

Essa tabela pode ser melhor visualizada quando alternamos as linhas e as colunas e observamos se o sujeito é preenchido ou nulo por tipo de pronome, conforme mostram os resultados da Tabela 2.

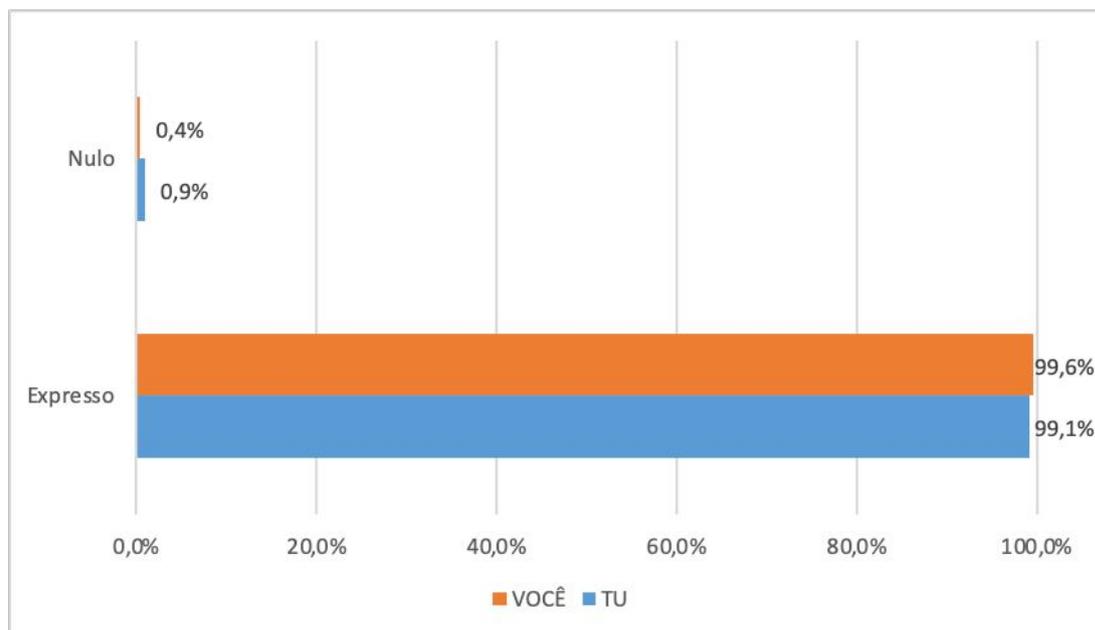
Tabela 2 – Ocorrências de sujeitos expressos e nulos

Sujeito	Expresso	Nulo
TU	113/114 (99,1%)	1/114 (0,9%)
VOCÊ	276/277 (99,6%)	1/277 (0,4%)
Total	389/391 (99,5%)	2/391 (0,5%)

Fonte: Elaborada pela autora.

Tais dados podem ser ainda melhor visualizados no Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2 – Ocorrências de sujeitos expressos e nulos

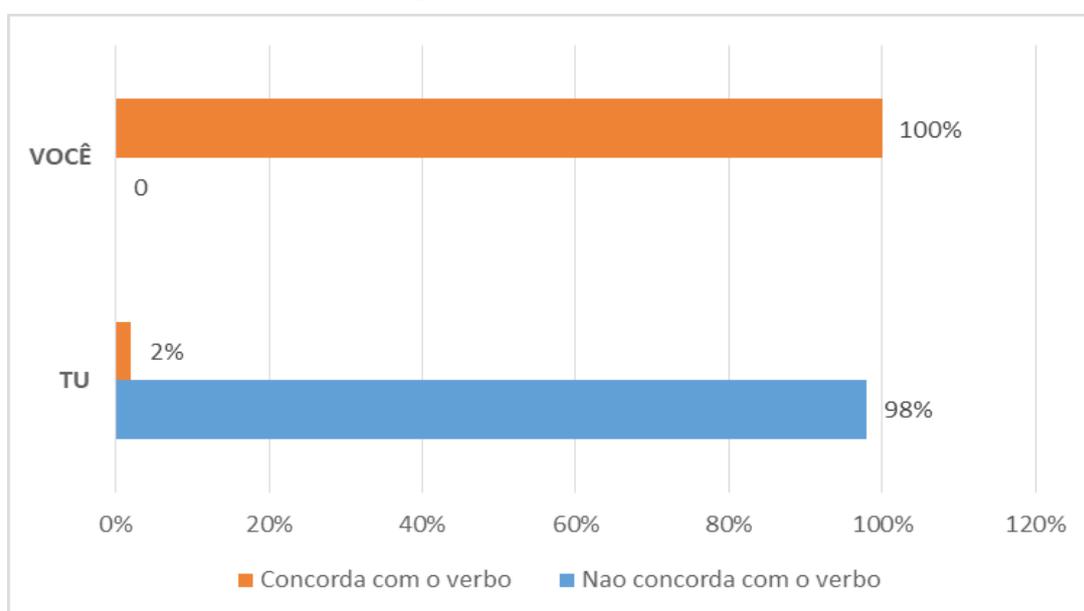


Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se agora que, conforme as Tabelas 1 e 2 e o Gráfico 2, o sujeito expresso é basicamente categórico, independentemente do tipo de pronome.

Quando observamos a relação dos pronomes com os verbos correspondentes, concluímos que há, na fala desses universitários, um tratamento similar com respeito à concordância verbal, ambos os pronomes se combinam majoritariamente com verbos na terceira pessoa do singular. Isso significa dizer que o pronome TU não mantém a concordância padrão de segunda pessoa, e que o pronome VOCÊ se combina com a forma originária do verbo antes de se gramaticalizar, como seria o esperado. Esses resultados estão expostos no Gráfico 2 e na Tabela 3 a seguir.

Gráfico 3 – Correlação entre sujeito e concordância verbal



Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 3 – Correlação entre sujeito e concordância verbal

Sujeito	TU	VOCÊ
Não concorda com o verbo	112/114 (98%)	-
Concorda com o verbo	2/114 (2%)	277/277 (100%)

Fonte: Elaborada pela autora.

Analisando os resultados acima, depreendemos que o sujeito VOCÊ concorda categoricamente e de forma canônica com o verbo. Nosso olhar se volta, então, para os dados referentes ao TU, em que 98% não apresentam concordância padrão com o verbo e apenas 2%

aparecem com marcação flexional de concordância de segunda pessoa. Os exemplos de (23) a (26) ilustram os casos majoritários, sem marcação de concordância padrão:

- (23) A Udesc tá aqui, tem uma rua à direita e tem uma rua que entra, nessa rua, lá no final. (...) Então, assim, TU NÃO PEGA a outra geral... TU NÃO PEGA a outra, TU VAI ali na Madre Benvenuta, quando chega a Udesc, a entrada da Udesc, antes de ir pro Rosa, vai ter uma entrada à direita, na esquina da Millium (FM25_D1i_LIB)
- (24) Então, sabe... É uma pessoa, sei lá, ela tava há dez anos na rua já, e aí ela resolve se tratar. Tipo, é algo... (...) A mãe da minha namorada. É uma situação bem delicada, assim... É que eu nunca tinha passado por isso e... E pra ela, tipo... TU FICA muito sem o que falar, assim, pô, imagina... É a tua mãe, cara... TU VAI fazer tripas coração pra se resolver essa situação, sabe?! E... TU TE SENTE impotente porque tem que p... chega a pessoa e fala pra ti "ah não, o custo daqui é 3 mil mensal mais, sei lá, mais remédios e medicação"... tipo, nem cara se eu trabalhar... não tem condições de pagar... (MA28_D1i_CNT)
- (25) Eu já fui uma vez, isso lá em Brusque, eu fui num plantão de madrugada que eu, eu fiquei muito nervosa com o ENEM, passei mal e a minha garganta fechou assim, eu peguei um vírus, sabe e ele começou a rir de mim, TU ACREDITA? A minha mãe foi junto comigo porque eu não conseguia falar (FT26_D4f_EEL)
- (26) Ele te mostra, é, é... Como TU PODE lidar com essa ansiedade e também o quanto isso afeta a tua vida. Não tem porquê TU FICAR ansioso, sabe? (FG25_D2f_ODO)

É importante salientar, pois, que, conforme aparece na Tabela 3, os poucos dados referentes à concordância verbal com o sujeito TU (apenas dois), representando 2%, são quase insignificantes e não ilustram uso real. O informante só fez uso da marcação de concordância quando estava narrando uma passagem em que fala da pronúncia de um determinado local de Santa Catarina, conforme ilustra o trecho (27):

- (27) "De onde TU ÉS, TU MISTURASSE um pouco aí as coisax é?" (risos) (FC18_D2i_LIB)

Nota-se também, nesse caso, que a marcação da concordância é variada, um dado corresponde à marcação de concordância padrão (TU és) e o outro dado corresponde à assimilação da forma do pretérito perfeito (st em ss), comum na fala florianopolitana.

Olhando para o Gráfico 1 e constatando que o pronome VOCÊ abre vantagem nos usos em relação ao TU, segundo dados coletados, vimos a necessidade de relacionar os pronomes sujeitos com os estratos sociais dos informantes, como a localidade, por exemplo, para que se tenha noção de em qual região tais pronomes estão se manifestando. Assim, pode-

se confirmar (ou não) as hipóteses levantadas, ao passo que se pode confirmar conclusões de outros estudos já feitos com esses pronomes, mudando apenas a amostra.

Há que se levar em conta que a grande manifestação de um pronome por apenas um indivíduo aqui, pode induzir a uma conclusão equivocada. Um gráfico mostrando o uso majoritário do pronome VOCÊ, não significa que todas as pessoas dessa comunidade falam assim. Quantidade, neste caso, não é essencial, e sim o olhar clínico sobre os dados extralinguísticos, para que se possa traçar uma possível tendência linguística. É primordial saber a localidade desses informantes, fazer a relação com os usos dos pronomes e separá-los, cada um a seu contexto.

Tendo essas premissas em mente, vamos à elaboração de um quadro que contemple estratos sociais como naturalidade, residência, tipo de deslocamento, idade, sexo/gênero, curso e fase, correlacionados com o número de dados de sujeitos de TU e de VOCÊ que cada um dos informantes usou durante as entrevistas.

Quadro 8 – Relação entre estratos sociais dos informantes e usos de TU e VOCÊ

	Naturalidade (local de aquisição do vernáculo)	D	Idade	Sexo	Curso	Fase	TU	VOCÊ
1	Florianópolis/SC	1	28	M	Ciências Contábeis	F	52	3
2	Florianópolis/SC	1	25	F	Letras Libras	I	30	-
3	São Lourenço do Oeste/SC	3	17	M	História	I	3	120
4	São José/SC	2	25	F	Odontologia	F	15	10
5	Jataí/GO	4	26	F	Engenharia Elétrica	F	14	36
6	Joinville/SC (Curitiba/PR)	4	18	F	Relações Internacionais	I	-	94
7	Florianópolis/SC	2	18	F	Letras Libras	I	30	-
8	Joinville/SC	3	22	M	Direito	F	-	31

Fonte: Elaborado pela autora.

As informações sociais sobre os informantes, em sua maioria, foram retiradas das fichas sociais que estão disponíveis no núcleo Varsul.

De acordo com o Quadro 8, o que chama a atenção são os dados referentes a dois fatores, naturalidade/lugar de aquisição do vernáculo e deslocamento. Vale ressaltar que a

idade dos participantes é muito parecida, variando entre 18 e 28 anos – todos são jovens – o que nos dá uma média de 22 anos, considerando que as idades menores estão associadas ao início da Graduação.

Os dados do estrato social naturalidade do informante 6 foram, porém, reanalisados com base nas informações constantes na entrevista. Por mais que a ficha social desse informante registre nascimento em Santa Catarina (em Joinville), para esta análise, consideramos um informante referente ao Deslocamento 4: de outro estado, no caso, de Curitiba. Na entrevista, o informante relata que nasceu em Joinville, mas morou muito pouco tempo lá. Sua família mudou-se para Curitiba/PR quando ele era ainda bebê, lugar em que passou a morar até ir para Florianópolis cursar a Universidade.

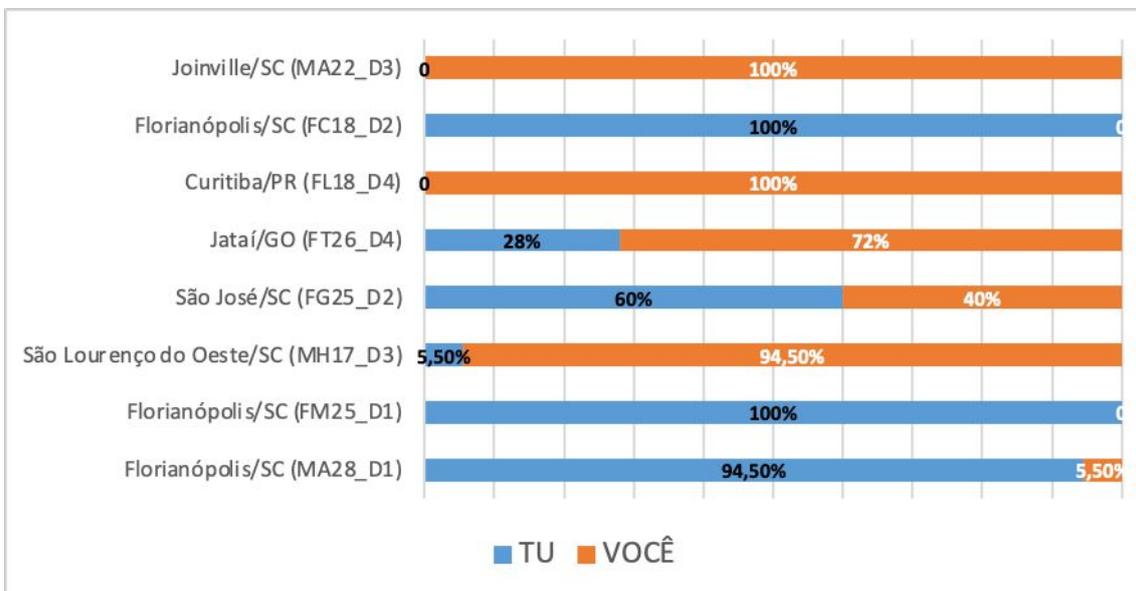
Segundo a teoria variacionista, a faixa etária pode revelar mudança em tempo aparente ou variação estável. No caso da primeira – considerada a hipótese clássica – é no vernáculo dos primeiros 15 anos do indivíduo onde devemos buscar pelos padrões linguísticos adquiridos. Então, por mais que a ficha social registre o nascimento do informante 6 em Santa Catarina, para esta análise, consideramos um informante referente ao Deslocamento 4: de outro estado, no caso, Paraná. Esse informante usa categoricamente o pronome VOCÊ, conforme pode-se conferir em um trecho de sua fala na passagem (28):

(28) Acho que a violência ela atinge as pessoas diferente, de forma diferente, não só em questão de gênero, mas em questão e raça, de etnia, porque VOCÊ não, às vezes a violência quando ela, VOCÊ, VOCÊ, xingar uma pessoa, às vezes o xingamento pro homem vai ter um peso, pra mulher vai ter outro, VOCÊ tem aspectos, por trás disso tem todo um histórico de, eu não sei como explicar (FL18_D4_RLI)

Essa percepção tem grande impacto no resultado da pesquisa, pois a região do Paraná, especialmente em Curitiba, segundo Loregian-Penkall (2004, p. 121), registra o uso categórico do pronome VOCÊ. Dessa forma, como pode-se acompanhar no Gráfico 4, o informante que passou grande parte de sua vida em Curitiba/PR (FL18_D4), mesmo tendo a naturalidade de Joinville/SC, registrou 100% de uso do pronome VOCÊ em sua fala, atestando, de fato, o que pesquisas anteriores já haviam demonstrado. Esse informante, portanto, teve seu registro relacionado ao Deslocamento 4, ou seja, é considerado aluno que se deslocou de outro estado para morar e estudar em Florianópolis, trazendo consigo o pronome VOCÊ de seu vernáculo.

O Gráfico 3 dá visibilidade à relação entre o uso dos pronomes e as localidades de nascimento dos informantes/lugares em que adquiriram o vernáculo, com percentuais.

Gráfico 4 – Usos dos paradigmas de TU e VOCÊ em relação à naturalidade dos informantes



Fonte: Elaborado pela autora.

Olhando ainda para o Gráfico 4, nota-se o uso majoritário das formas de TU nos informantes nascidos em Florianópolis ou na Grande Florianópolis. Embora um desses informantes nascidos em Florianópolis (o informante 1) tenha usado três dados de VOCÊ em sua fala (5,5%) na maioria dos casos, em 54 de ocorrências, foi o pronome TU o escolhido (94,5%). Os informantes 2 e 7, também naturais de Florianópolis registraram categoricamente o uso de TU em sua forma de sujeito durante toda a entrevista, ambos usaram 30 ocorrências de TU e nenhuma de VOCÊ. Já o informante nascido em São José (informante 4) alternou as duas formas, com 60% de TU e 40% de VOCÊ.

Totalizam-se, assim, quatro entrevistados naturais de Florianópolis ou da Grande Florianópolis, atestando estudos como os de Loregian-Penkall (2004) e os de Nunes de Souza e Coelho (2015), com a preferência pelas formas de TU em detrimento de VOCÊ nessa localidade. Os exemplos, a seguir, ilustram casos de TU (e de VOCÊ) usados por esses quatro informantes.

- (29) Eu fiquei bem chateado assim porque... É uma... Tipo, Universidade Federal de Santa Catarina, a gente tem as melhores... Uma das melhores notas do Brasil... Tudo bem que cada um tem seus problemas pessoais mas ali é um meio que TU chega ali, tipo, pô, TU sabe que a pessoa que tá dando aula ela é muito gabaritada pra dar aula na UFSC, e não é um tipo de atitude que TU ESPERA de um professor. (MA28_D1i_CNT)

- (30) Pode dar, mas... É... Se VOCÊ tem condições só de se dedicar ao estudo, é melhor. Porque... TU tem mais tempo, né, e TU pode TE dedicar integralmente àquilo. (FG25_D2f_ODO)
- (31) Eu gosto muito de arte em questão de hobby, e se já me estressa como hobby, imagina eu trabalhando isso todos os dias, né, tipo aquele negócio me dá, vai me dar dinheiro (...) quando não consegue desenhar, quando TU não consegue fazer aquele trabalho, então imagina, é maior estresse ainda. Se TU não fizer, TU não vai comer, entendeu, basicamente (risos) (FC18_D2i_LIB)
- (32) A melhor comida do mundo arroz, feijão e farinha, né? Ou arroz, feijão e farofa. Pô, comida brasileira... Quando TU viaja pra fora TU vê como brasileiro é bom. Nada é melhor do que um arroz e feijão, né?! Eu gosto muito! (FM25_D1i_LIB)

Tais resultados aqui encontrados corroboram com o que falam as autoras citadas sobre o processo de colonização dessas cidades, esclarecendo a então escolha dos informantes por um ou outro pronome. No caso da região de Florianópolis, de acordo com Loregian-Penkal (2004), a escolha conservadora pelo TU teria supostamente sua origem na colonização açoriana.

Continuando a análise a partir do Gráfico 4, restaram aqueles de naturalidade de cidades outras que não pertencentes à Grande Florianópolis, fazendo parte do Deslocamento 3, conforme protocolo pré-estabelecido; e ainda, os que nasceram em outros estados, categorizados como Deslocamento 4. Temos então mais quatro estudantes. Com o único propósito de frequentar o curso de Graduação na UFSC, os referidos informantes fazem parte do grupo que se deslocou de sua cidade natal para morar em Florianópolis, nos entornos da Universidade. O que os difere é que uma metade é catarinense, a outra não.

Conforme mostram o Gráfico 4 e o Quadro 8, os informantes catarinenses nascidos nas cidades de Joinville e São Lourenço do Oeste deram preferência categórica (ou quase categórica) para o uso das formas de VOCÊ em suas falas, com 100% (31 ocorrências) e 94,5% (120 ocorrências) de VOCÊ, respectivamente. Muito parecido com esse perfil linguístico foi o informante nascido em Jataí/Goiás, com 28% de TU (14 dados) e 72% (36 dados) de VOCÊ.

Para não focar apenas no uso de sujeitos, analisemos também as demais variáveis, quais são as referentes aos pronomes possessivos, imperativos e complementos verbais.

4.1.2 Usos de possessivos, imperativos e complementos verbais

A partir do resultado obtido com a rodada estatística, percebemos que a quantidade de dados de possessivos, imperativos e complementos verbais em relação às demais variáveis não é significativa para o trabalho. De toda forma, a Tabela 4 apresenta esses resultados mostrando apenas um equilíbrio de uso entre as formas dos paradigmas de TU e de VOCÊ no caso dos possessivos e dos imperativos. Já nos complementos verbais há uma predominância pelas formas do paradigma de TU.

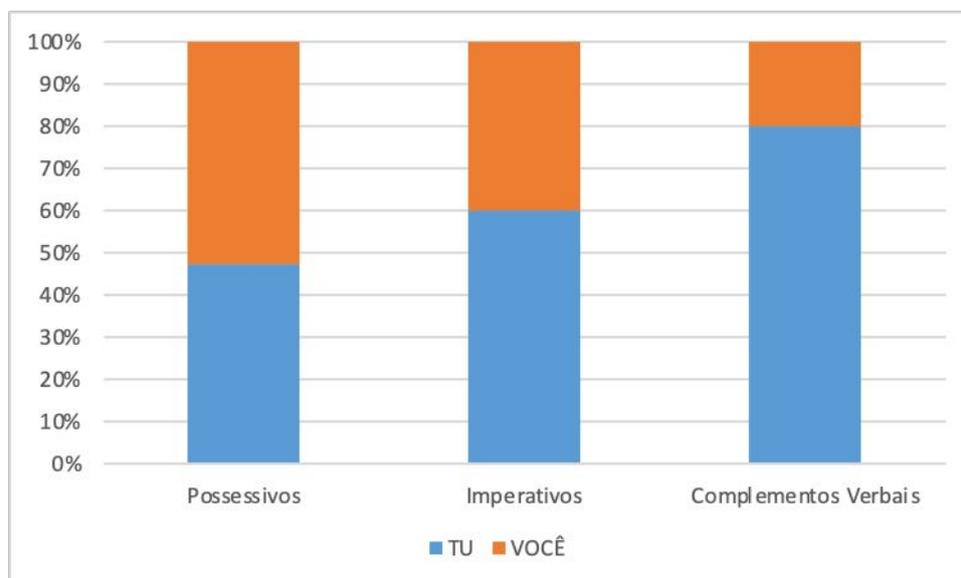
Tabela 4 – Ocorrências de possessivos, imperativos e complementos verbais

Variáveis	Paradigma de TU	Paradigma de VOCÊ
Possessivos	9/19 (47%)	10/19 (53%)
Imperativos	3/5 (60%)	2/5 (40%)
Complementos verbais	20/25 (80%)	5/25 (20%)

Fonte: Elaborada pela autora.

Tais resultados podem ser melhor visualizados no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Usos dos paradigmas de TU e VOCÊ nas formas de possessivo, imperativo e complemento verbal



Fonte: Elaborado pela autora.

A parte interessante desses resultados, que preferimos reunir em uma única tabela, é quando o informante alterna as formas, usando ora sujeito VOCÊ associado a formas do

paradigma de TU, ora sujeito TU associado a formas do paradigma de VOCÊ. Melhor prova disso são os trechos de fala como aparecem nos exemplos (33) e (34):

- (33) O último filme que eu vi foi... Filme bom no Netflix... Foi... O Irlandês, que é muito bom! (...) Então VEJA! É sensacional! (...) Ah não, NÃO PARA! (MA28_D1i_CNT)³³
- (34) Tudo bem que cada um tem seus problemas pessoais, mas ali é um meio que TU chega ali, tipo, pô, TU sabe que a pessoa que tá dando aula ela é muito gabaritada pra dar aula na UFSC, e não é um tipo de atitude que TU espera de um professor. (MA28_D1i_CNT)

A curiosidade aqui está no fato de o informante MA28_D1i_CNT usar categoricamente formas de TU em sua fala, mas em casos muito específicos usa (poucas) formas do paradigma VOCÊ. Em (33), usa a forma do imperativo relacionado ao paradigma VOCÊ; e, em (34), usa um possessivo do paradigma VOCÊ.

Esse processo de alternância de formas é muito comum com os complementos verbais, mostrando o sujeito inovador VOCÊ combinado muito frequentemente com a forma de complemento TE, que resiste, atestando, assim, a nossa hipótese, conforme pode-se ver em (35):

- (35) Aqui a linguagem é muito complicada, sabe? VOCÊ consegue ver termos e conceitos das pessoas que você realmente nunca vai ter visto fora daqui aí tipo assim a leitura serve pra TE apresentar eles... (MH17_D3i_HST)

O que difere o trecho de fala (35) dos trechos (33) e (34) é que, ao contrário do entrevistado MA28_D1i_CNT, o informante MH17_D3i_HST tem em sua fala o uso categórico de VOCÊ. Possivelmente sua fala pode estar sendo influenciada pela fala da comunidade local em que agora ele está inserido. Tudo leva a crer que a relação entre o sujeito VOCÊ com complemento TE é um novo padrão sintático do português brasileiro.

Comparando esses dados dos informantes nascidos fora de Santa Catarina demonstrados nesta pesquisa, em especial, os relativos ao informante natural de Curitiba/PR, com a amostra de Loregian-Penkal (2004, p. 121), atesta-se assim o uso categórico do pronome VOCÊ nessa região, conforme mostra a Figura 2.

³³ O informante MA28_D1i_CNT usou categoricamente o paradigma de TU nas outras funções sintáticas.

Figura 2 – Distribuição dos pronomes TU/VOCÊ em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba**Tabela 04⁸⁴**- Distribuição de *tu/você* por sexo e faixa etária nas capitais do Sul do Brasil.

Informante	Porto Alegre			Florianópolis			Curitiba		
	tu	você	T+V	tu	você	T+V	tu	você	T+V
FA	05	-	01	05	-	01	-	06	-
FB	05	-	01	02	-	04	-	06	-
Subtotal	10	-	02	07	-	05	-	12	-
MA	02	01	03	04	-	02	-	06	-
MB	02	-	04	02	01	03	-	06	-
Subtotal	04	01	07	06	01	05	-	12	-
Total	14	01	09	13	01	10	-	24	-

Fonte: Loregian-Penkall (2004, p. 121).

Ainda segundo a mesma amostra da autora, atestam-se as preferências dos informantes pelo conservador TU na região da grande Florianópolis, em função da etnia açoriana (p. 167). A diferença aqui entre a presente pesquisa e o trabalho de Loregian-Penkall (2004) é que a autora apresenta dados de concordância canônica do pronome TU na cidade de Florianópolis, de acordo com a amostra usada em sua tese (p. 166-167), conforme ilustra a Figura 3.

Figura 3 – Exemplo de concordância canônica com pronome TU

(18) - “... *tu tens* que ficá casada, aí *Ø* *ficas* casada pro resto da vida, né?”(RIB11 FBGIN).

Fonte: Loregian-Penkall (2004, p. 88)

Ainda, podemos olhar para os resultados de Ramos (1989, p. 46-47) e comparar com o que encontramos em nossa amostra 2019. Antes, a autora apresenta um quadro mostrando uma explicação para as preferências de usos entre TU e VOCÊ em Florianópolis de acordo com sua amostra de fala em 1989, coletada através de entrevistas com 36 informantes moradores de áreas urbanas de Florianópolis (p. 28), como ilustra a Figura 4:

Figura 4 – Avaliação dos usos entre TU e VOCÊ em amostra urbana em 1989

TU	VOCÊ
íntimo	distante
familiar	com estranhos
em ambiente familiar	influência de fora
dos ilhéus	bonito
+ rude	+ educado
informal	formal
coloquial	correto
desrespeitoso	respeitoso

Fonte: Ramos (1989, p. 46).

Observando a avaliação descrita por Ramos (1989) na Figura 4, podemos perceber que, 30 anos depois de sua pesquisa, de acordo com algumas observações encontradas nas entrevistas gravadas em 2019, permanece ainda a mesma avaliação de TU e VOCÊ em Florianópolis, figurando VOCÊ como pronome inovador caracterizado por “influência de fora” e TU como pronome usado pelo florianopolitano (ou pelo Ilhéu) em ambientes familiares.

Aqui, neste trabalho, de acordo com a amostra investigada o que se destaca é a não marcação de concordância padrão entre o sujeito TU e o verbo. Os trechos de informantes de variadas idades, de (36) a (39), ilustram essas ocorrências:

- (36) Tipo, no Direito é meio chato assim, porque é tudo meio formal, sabe? Então tem situações que às vezes TU... TU SE PEGA tipo Ah! Vou falar Vossa Excelência não sei que lá, não sei que lá... Eu acho isso um absurdo mas tudo bem né, faz parte... (MA28_D1i_CNT)
- (37) Porque dança é muito contato. E "zuki" é muita entrega... A pessoa que não entende às vezes fica chocada, assim... Eu imagino. E tem gente que desconstrói um pouco a dança, já fica uma coisa mais maluca (risos), quando TU VAI ver tá... Quando TU VAI ver, tá um no chão, o outro tá assim... (gargalhada) Mas aí, querendo ou não, quanto mais TU DANÇA, mais TU VAI desfazendo né os passos assim. (FM25_D1i_LIB)
- (38) O meu anime, mangá favorito se chama barakamon, que é uma história sobre um calígrafo que... É aquelas caligrafias artísticas, sabe, não sei se TU JÁ VISSE, caligrafia japonesa artística (...) e conta a história de um calígrafo, desse profissional que acabou indo pra uma ilha, uma ilha tipo do interiorzão e lá tem tipo criança e velho. E ele começa a

interagir com essas crianças e esses velhos e começa a criar laços com eles, tipo de amizade, mas TU VÊ que tipo a amizade deles é muito forte, parece uma família, assim sabe, e é um climazinho bem legal assim bem divertido de ver, e TU COMEÇA a rir, TU COMEÇA a chorar nuns momentos que não é triste mas TU FICA "nossa, que emocionante"... FC18_D2i_LIB

- (39) Mas depois TU VAI aprendendo a lidar com o cotidiano e com a Universidade em si né (...) mas depois foi tranquilo, foi fluindo, sabe? Quando TU VÊ, já tá acabando (FG25_D2f_ODO)

É pois, essencial o registro desse processo pela grande quantidade de evidências encontradas, praticamente todos os dados em relação ao sujeito TU combinado com verbo sem marcação de concordância padrão.

Aliado a essa observação está o uso do complemento TE correlacionado a ambos os pronomes, tanto TU quanto VOCÊ. Ou seja, mesmo que o informante tenha em seu vernáculo o uso categórico do pronome VOCÊ, em algum momento ele usa o complemento TE, em sua maioria na forma de complemento acusativo, seguido de formas de dativo. Os exemplos, a seguir, ilustram esses casos.

- (40) Pode dar, mas... É... Se VOCÊ tem condições só de se dedicar ao estudo, é melhor. Porque... TU tem mais tempo, né, e TU pode TE dedicar integralmente àquilo. (FG25_D2f_ODO)
- (41) Depende das matérias que VOCÊ pega, aí é outra coisa (...) aí às vezes VOCÊ num semestre VOCÊ tem o azar de pegar matérias que exigem grandes cargas de leitura, de às vezes VOCÊ tá lá com 300, quase 400 páginas por semana. E tipo assim não são 300 ou 400 páginas pra ler de um livro que você gosta de ler, são pedaços de artigos, ou muitas vezes capítulos de livros que realmente não TE interessam tanto, e são escritos numa linguagem que VOCÊ não vai entender (...) (MH17_D3i_HST)
- (42) A minha experiência foi ver que a Universidade é algo muito focado pro individual, e tipo assim, uma competição que TE apresentam logo quando VOCÊ entra aqui ela TE estimula de várias formas. (MH17_D3i_HST)
- (43) Mas é, e os próprios professores, eles TE dão os meios pra alcançar pelo menos FL18_D4_RLI

Vale frisar que, embora o exemplo não apareça por completo ou não registrando o pronome em sua forma de sujeito, os informantes cujos trechos de fala estão ilustrados em (42) e (43) têm em seu vernáculo o uso categórico de pronome VOCÊ e usam o complemento TE conforme demonstrado.

Assim como mostrou anteriormente a Tabela 4, o total de 25 dados de complementos verbais registrados foi praticamente insignificante diante dos dados de sujeitos. Mas, com um olhar mais apurado, elaboramos a Tabela 5 e relacionamos os sujeitos VOCÊ que estão associados ao complemento TE, fugindo à concordância canônica padrão da língua portuguesa.

Tabela 5 – Ocorrências de TE associado a VOCÊ e demais complementos verbais

TE associado a VOCÊ	Total de complementos verbais
4	25

Fonte: Elaborada pela autora.

Mesmo em pouca quantidade, mostra-se timidamente uma nova associação sintática: a relação entre o sujeito VOCÊ, inovador em Florianópolis, e um complemento que canonicamente pertence ao paradigma de TU.

4.1.3 Correlação entre sujeito, idade e sexo

A partir da rodada estatística feita através do Goldvarb 2001, pudemos ainda depreender outros padrões, relacionando variáveis sociais às linguísticas, como a correlação entre os usos dos pronomes em suas formas de sujeito e as categorizações de idade e sexo dos informantes e dos entrevistadores, de forma a observar algum padrão de simetria ou assimetria no âmbito das formas de tratamento. Para tal, elaboramos a Tabela 6 a seguir.

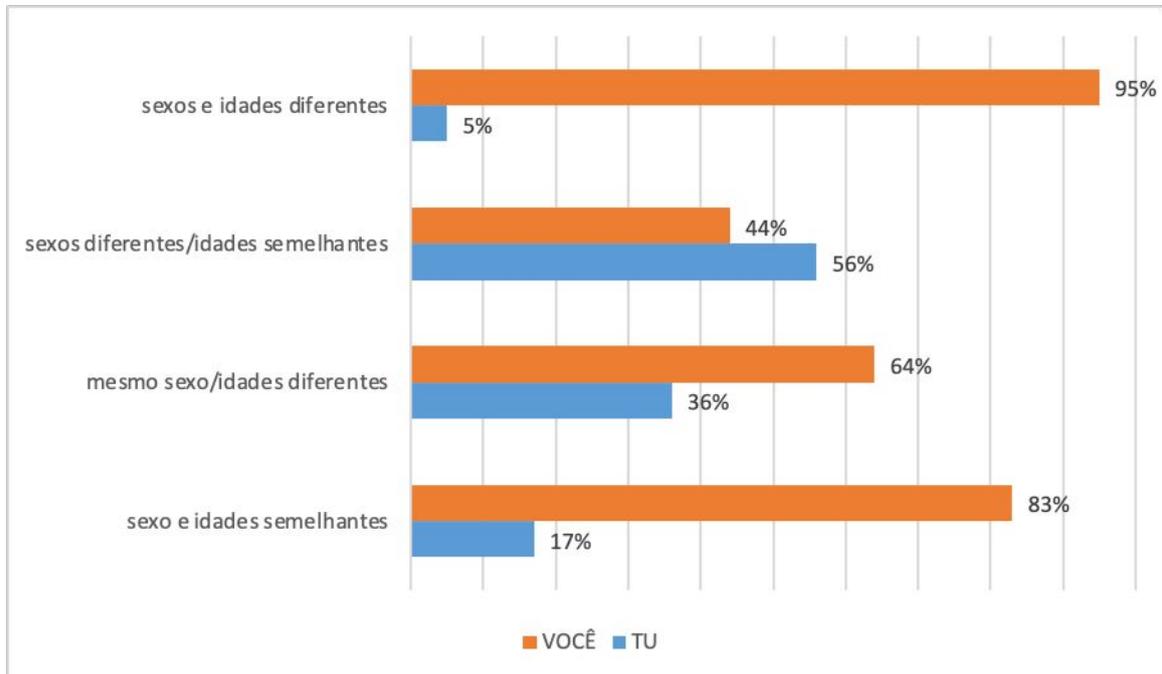
Tabela 6 – Correlação entre uso de pronome sujeito pelo informante e idade/sexo entre entrevistado e entrevistador

Categoria	TU	VOCÊ
Sexos e idades semelhantes	7/42 (17%)	35/42 (83%)
Mesmo sexo e idades diferentes	53/146 (36%)	93/146 (64%)
Sexos diferentes e idades semelhantes	48/86 (56%)	38/86 (44%)
Sexos e idades diferentes	6/117 (5%)	111/117 (95%)
Total	114/391 (29%)	277/391 (71%)

Fonte: Elaborada pela autora.

Esses resultados podem ser melhor ilustrados no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Correlação entre os usos de sujeitos e as idades/sexos entre entrevistado e entrevistador



Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando os resultados apresentados na Tabela 6 e no Gráfico 6, vemos o predomínio de usos das formas de VOCÊ, conforme indicado anteriormente. Mas vamos atentar para as preferências de uso de acordo com as categorias que relacionam a idade e o sexo do informante com a idade e o sexo do entrevistador.

De acordo com o Gráfico 6, o padrão que pode ser observado é apenas nas duas últimas barras, as quais apresentam um alto número de uso de pronomes VOCÊ (64% e 83%) quando ambos, informante e entrevistador, pertencem ao mesmo gênero/sexo, em especial, duas mulheres. Quando as idades entre os interactantes são diferentes, as quantidades de usos de pronomes VOCÊ é ainda maior, 95% e 64%.

A partir de um olhar clínico, poderíamos dizer que, quando as entrevistas aconteceram entre duas pessoas de idades diferentes, o informante deu preferência aos usos de VOCÊ, possivelmente por se tratar de um contato acadêmico formal com uma pessoa desconhecida.

Essa análise, correlacionando as idades e os sexos entre entrevistador e entrevistado, porém, é mais complexa e talvez seja inconsistente, pois não foram controlados os usos de pronomes em relação aos entrevistadores.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado na Teoria da Variação e Mudança, de acordo com as obras de Weinreich et al., 2006 [1968] e Labov, 2008 [1972], na história das formas de tratamento na língua portuguesa, de acordo com os estudos de Faraco (2017 [1996]) e Cintra ([1972] 1986), este trabalho se propôs a investigar a variação entre os pronomes TU e VOCÊ, encontrados na fala de graduandos da UFSC. Porém, vale ressaltar os limites da pesquisa.

Das dezesseis entrevistas realizadas, hoje parte do banco de dados linguísticos do Projeto Varsul, foram selecionadas oito gravações com informantes alunos de cursos de graduação da UFSC para a composição da amostra para a análise sociolinguística. O ideal era que usássemos toda a amostra, mas devido aos prazos a serem cumpridos às exigências da Pós-Graduação e à fase de metodologia que se estendeu muito mais do que o planejado, decidimos por encurtar a quantidade de entrevistas a serem analisadas. É preciso ainda salientar a importância que teve o trabalho de transcrição de algumas dessas entrevistas, em função dos mesmos motivos que nos levaram a reduzir a quantidade de informantes; afinal, é mais prático localizar as ocorrências escritas do que localizá-las no áudio.

O roteiro seguido pelos entrevistadores encontra-se no Anexo I, documento que foi pré-estabelecido pelas professoras da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, no segundo semestre de 2019. Tal roteiro serviu de base para a elaboração de um protocolo dividido em quatro categorias de deslocamento e grau acadêmico dentro do qual os dados dos informantes foram categorizados de forma equilibrada.

Uma das instruções para a seleção dos informantes era a de que deveríamos escolher indivíduos de cursos os mais diversificados possíveis, evitando cursos de Letras, já que estes poderiam dar indícios de reflexões linguísticas influenciadas pelas disciplinas. Ainda que alguns informantes selecionados para esta pesquisa sejam do curso de Libras – Língua Brasileira de Sinais, são alunos que, no momento da entrevista, estavam no início do curso, o que de certa forma ainda não se monitorariam suficientemente para influenciar no registro.

A partir de um estudo sincrônico, baseado na revisão de literatura na área sociolinguística, como os de Loregian-Penkal (2004) e Franceschini e Loregian-Penkal (2015), e fazendo referência a Nunes de Souza (2015), Nunes de Souza e Coelho (2015), Gouveia (2019) e Grando (2021), por exemplo, lembrando que existem tantos outros

vinculados ao Projeto Varsul, este trabalho refletiu, de acordo com a amostra acadêmica, sobre as seguintes observações:

- i) Se predominaria o uso de TU;
- ii) Se as formas de tratamento escolhidas variariam de acordo com relações de simetria e assimetria;
- iii) Se os entrevistados alternariam entre os pronomes TU e VOCÊ num mesmo trecho de fala; e
- iv) Se, no âmbito do tratamento, as escolhas pelos pronomes acontecem de acordo com a localidade da região em que nasceu (cfe. LOREGIAN-PENKAL, 2004).

Com base em estudo anterior (GRANDO, 2016) e na participação como entrevistadora na formação da amostra de fala selecionada para este estudo, a hipótese era de que haveria predomínio de TU nas falas de informantes que nasceram e moram na Grande Florianópolis/SC, diferentemente dos informantes que nasceram em outras regiões do Brasil.

Seguindo essas hipóteses, atestamos que o sujeito TU e suas formas de paradigmas do TU (possessivos, imperativos e complementos verbais) permanecem conservadores na capital e Grande Florianópolis, conforme havíamos previsto. Atestamos também o uso categórico de VOCÊ por informantes de outras regiões de Santa Catarina e fora do estado, segundo a nossa amostra selecionada; e, ainda, cada escolha de uso se confirma com localidade em que o informante nasceu, ratificando os resultados de Loregian-Penkhal (2004) em relação a Florianópolis e Curitiba.

A respeito da relação tratamental simétrica e assimétrica, a partir dos resultados correlacionando as idades e os sexos dos informantes e dos entrevistadores, os resultados se tornaram inconsistentes, afinal, não foi coletada uma variável que categorizasse os usos pronominais dos entrevistadores. Um possível depreendimento dos resultados encontrados é a preferência pelo pronome VOCÊ quando as idades entre os interlocutores são diferentes, certamente pela avaliação formal que os informantes fazem desse pronome, conforme apontado por Ramos (1989). Não há, portanto, como classificar se os tratamentos foram simétricos ou assimétricos.

Atestamos ainda a alternância de pronomes entre alguns dos entrevistados, ora usando sujeito TU, ora sujeito VOCÊ, às vezes num mesmo trecho de fala. Aqueles que usam mais formas de VOCÊ, de acordo com a amostra aqui selecionada, são alunos que nasceram fora da Grande Florianópolis ou em outros estados do Brasil, mas que vieram morar na capital catarinense para estudar na UFSC, trazendo consigo o VOCÊ do seu vernáculo, mas

percebendo que aqui na ilha as pessoas usam o TU. Esta reflexão é atestada em determinada parte da entrevista em que se pergunta ao informante se ele tem consciência dessas percepções linguísticas.

Nossa dificuldade, porém, em relação ao prazo de entrega deste trabalho é um dos limites que evitaram que trouxéssemos ocorrências atestando essas reflexões linguísticas vindas dos próprios informantes. Todavia, posso afirmar que, como eu fui uma das entrevistadoras que participou desse processo das entrevistas sociolinguísticas, além de ter estado presente no momento em que o informante respondeu às perguntas que fiz e, mais que isso, deixou fluir uma conversa espontânea, eu ouvi novamente todas as conversas ao reproduzir os áudios gravados via telefone celular. Portanto, afirmo essas reflexões por conhecimento de causa *in loco* e *in vivo*. Limites que poderão ser melhor trabalhados em trabalhos futuros.

Outro item a que nos vimos limitadas foi a de que não pudemos controlar e categorizar também as falas dos entrevistadores, a fim de que se analisasse os possíveis gatilhos linguísticos ao fazer a entrevista com os informantes. Dessa forma, poderia ter sido analisado se o entrevistado estava se deixando ser influenciado pela fala de quem o estava entrevistando e vice-versa. E ainda, seriam mais números para a amostra, além dos dezesseis.

Também não foi controlada a etnia das regiões dos informantes; foram apenas registradas as cidades em que eles nasceram, não tendo uma análise de sua história colonizadora. Outro item a ser considerado num trabalho que possa usar essas informações e estender a presente análise para além do que foi proposto.

Sabemos dos limites nos quais este trabalho se esbarrou, o que nos deixou frustradas, em certa medida, porque, apesar do pouco em quantidade de entrevistas, existe o muito que poderia ter sido aproveitado em matéria de análise qualitativa. Infelizmente, o tempo não correu a nosso favor e, não menos importante, trabalhamos durante uma pandemia de coronavírus, ou seja, em meio a turbulências que dificultaram a realização do trabalho em todos os sentidos.

Em contrapartida, esta pesquisa apresenta uma nova e atual amostra de fala para compor o banco de dados dos Projetos Varsul e PHPB-SC³⁴ (dos quais sou integrante e tive a honra de participar como entrevistadora), e serve como guia para aprofundamento da pesquisa em novos trabalhos. E ainda, muito embora o caro leitor vá percebendo os limites, na medida em que vai seguindo com a leitura, seja entendido ou não da área da Sociolinguística, valho-

³⁴ Projeto Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina.

me da premissa de que todo o trabalho tem começo, meio e fim. E aqui é chegado o fim, com a consciência de que há muito ainda para ser estudado.

Por fim, a novidade que deixamos registrada é que, devido ao índice de ocorrências entre diversificados informantes fazendo a relação entre o sujeito VOCÊ e o complemento TE, independentemente dos tipos de deslocamentos, cremos que esteja se formando um novo padrão sintático no português brasileiro, ou seja, a associação do complemento verbal de segunda pessoa do singular (o complemento verbal TE) ao sujeito inovador VOCÊ. A partir disto, ficam evidências para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Morfologia do Português*. 47. ed. Editora Vozes, 1972.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1986 [1972].
- COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação na sintaxe: estudo da ordem do sujeito no PB. In: RAMOS, J. M. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, p. 84-99, 2006.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: LOPES, C.; REBOLLO, L. (orgs.) *Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2011, p. 263-287.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. A trajetória de mudança dos pronomes tu e você em Santa Catarina: análise de cartas pessoais (1880- 1990). *LaborHistórico.*, v.5, p. 130 - 161, 2019.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. Variation and change in the second person singular pronouns *tu* and *você* in Santa Catarina (Brazil). In: HUMMEL, M.; LOPES, C. dos S. (Eds.). *Address in portuguese and spanish studstudies in diachrony and diachronic reconstruction ies in diachrony and diachronic*. Áustria, De Gruyter, 2020, p. 155-206.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A perda do princípio ‘evite pronome’ no português brasileiro. 1995. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- FARACO, Carlos Alberto. O Tratamento você em Português: uma abordagem histórica. In: *Fragmenta*, n. 13. Curitiba: editora da UFPR, 1996. p. 51-82. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/17150/10437>>. Acesso em: 30 maio. 2021.
- FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL Loremi. A variável sexo/gênero e o uso de tu/você no Sul do Brasil. *Signum*, Estud. Ling., Londrina, n. 18/1, p. 182-205, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20205>>. Acesso em: 30 maio. 2021.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989. 241 p.
- GOUVEIA, Helena Alves. *As formas de tratamento em cartas pessoais escritas na grande Florianópolis entre 1880 e 1940*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

GÖRSKI, Edair Maria. Motivações discursivas em competição na ordenação de orações temporais. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 35, PUCRS, 2000. p. 97-120.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria (Org.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Editora Insular, 2014, v. 3, p. 67-92.

GRANDO, Vanessa. *Formas de tratamento nas cartas de Harry Laus para Claire Cayron: uma análise sociolinguística*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Florianópolis: UFSC, 2016.

GRANDO, Vanessa. Formas de tratamento nas cartas do escritor catarinense Harry Laus para sua tradutora francesa. In: COELHO, Izete Lehmkuhl; MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva; MARTINS, Marco Antonio Rocha; GÖRSKI, Edair Maria (Org.). *Aspectos sócio-históricos e linguísticos do português escrito em Santa Catarina nos séculos XIX e XX*. 1 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2021, v. 1, p. 304-334.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. V. I, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, p. 17-35. 1991.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, v.18, 2003. Disponível em: <<https://laborhistorico.lettras.ufrj.br/producao/Lopestese.pdf>>. Acesso em: 30 maio. 2021.

LOPES, Célia Regina; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro, 2003. v. 1, p. 61-76.

LOPES, Célia Regina; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. O tratamento a Rui Barbosa. In: CALLOU, Dinah; BARBOSA, Afranio (org.). *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. 1996. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30390059.pdf>>. Acesso em: 30 maio. 2021.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)Análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. 2004. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/22530>>. Acesso em: 30 maio. 2021.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista*. Estudos Linguísticos XXXIV, 2005. p. 362-367. Disponível em:

<<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/alternancia-tu-voce-411.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c>>. Acesso em: 30 maio. 2021.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2008.

MELO, Maria Albertina Freitas de. *As cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Florianópolis: UFSC, 2001.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

MENON, Odete Pereira da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino. (Org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-192.

NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. *A alternância entre tu e você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século*. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NUNES DE SOUZA, C. M.; COELHO, I. L. Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina. *Labor Histórico*, v. 1, 2015. p. 49-61.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 160-169.

RAMOS, Myriam Pereira Botelho. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. 1989. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Vestígios da pronominalização de *Vossa Mercê* > *Você* em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX. *Veredas Atemática*, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, 2012.

THACKERAY, William Makepeace. *O livro dos esnobes: escrito por um deles*. Tradução de Reinaldo Guarany. Porto Alegre: L&M, 2010. 256 p. (Coleção L&M POCKET). Disponível em: https://visionvox.net/biblioteca/w/W._M._Thackeray_O_livro_dos_esnobes.pdf

VALLE, Carla Regina Martins; GÖRSKI, Edair Maria. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria (Org.). *Variação estilística:*

reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Editora Insular, 2014, v. 3, p. 93-121.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. Revisão Técnica de Carlos Alberto Faraco. Posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ANEXO I**Roteiro para entrevista sociolinguística****Perguntas de checagem**

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Em que cidade/UF você nasceu?
4. Onde você mora atualmente?
5. Quais os nomes dos seus pais?
6. Em que cidade/UF eles nasceram? Onde eles vivem?
7. Qual o nível de escolaridade deles?
8. Quais as profissões deles?
9. Com quem você mora?
10. Qual o curso você faz? Está em qual período?
11. Por que você veio estudar na Universidade Federal de Santa Catarina?
12. Qual meio de transporte você mais utiliza para vir para a universidade? Por quê?
13. Caso seja um informante que more no interior e que venha de ônibus: o ônibus que você pega é público ou locado pela associação de estudantes da sua cidade?
14. Você trabalha ou já trabalhou? Como foi essa experiência?
15. Você acha que trabalhar e estudar pode dar certo?

Moradia

16. Há quanto tempo mora no bairro/cidade X?
17. Sempre morou nesse lugar?
18. Como foi sua infância onde você mora (ou morou)? Mudou muito em relação aos dias de hoje?
19. Qual a memória mais marcante de sua infância nesse lugar?
20. Você gosta de morar lá?
21. Se tivesse oportunidade, moraria em outro lugar? Qual? Por quê?
22. O que você mais gosta de fazer no local onde mora?
23. O que é atrativo para os moradores da comunidade?
24. O que é chato para os moradores da comunidade? (pedir para o informante falar sobre problemas da localidade)
25. Você já viajou para fora do seu estado?

26. Quais os lugares que você já visitou? Como foi? Por que você foi?
27. Gostaria de voltar?
28. Tem alguma viagem que você sonha em fazer? Qual? Por quê?
29. Já teve alguma doença grave? Passou por risco de morte? Perdeu alguém na família ou algum(a) amigo(a)?
30. Como eu faço para, saindo aqui do CCE, chegar ao seu centro de ensino?
OU Como eu faço para chegar ao lugar onde você mora saindo aqui da UFSC?

Lazer

31. O que você gosta de fazer no final de semana?
32. Quais lugares você costuma frequentar por lazer?
33. Você costuma frequentar cinema, museu, teatro?
34. Gosta de ler livros? Qual seu favorito? Por quê? Pode resumir?
35. Lê algo pela internet, quais sites?
36. Sua família tem hábito de ler?
37. Você acha o hábito de leitura importante? Por quê?
38. Você gosta de ouvir música? Que ritmo? Gosta de dançar? Toca algum instrumento musical?
39. Você faz atividade física? De que tipo?
40. Participa das redes sociais? Elas contribuem com a sua vida social?
41. Você gosta de cozinhar? Conhece alguma receita típica do seu lugar ou daqui de Floripa? Poderia me passar uma receita de algo que você goste de comer?

Educação

42. Você acha que a educação pública deve ser assegurada pelo governo? Por quê?
43. A educação pública melhorou ou piorou nos últimos anos? Por quê?
44. Você considera importante que as bolsas (como PIBIC, PIDID, bolsas auxílios) ofertadas na universidade tenham como critério de escolha a vulnerabilidade socioeconômica para pessoas com baixa renda?
45. Você considera importante as políticas para garantir o acesso e permanência dos alunos na educação básica: transporte escolar, plano nacional do livro didático, merenda escolar? Por quê?
46. Quais pontos negativos e positivos que você observa na educação pública?
47. O Brasil investe o suficiente ou não em educação?
48. O que você pensa sobre o governo federal financiar o acesso de estudantes ao ensino superior em instituições privadas?

49. Muitos jovens ingressam na universidade por meio dos programas PROUNI e o FIES, você considera que esses programas diminuí a desigualdade social entre os jovens?
50. Você concorda ou não que a política de cotas para ingresso de negros/as na universidade diminuí a desigualdade entre brancos e negros?
51. Como foi a experiência de começar um curso superior?
52. Você sentiu ou sente alguma dificuldade em seu curso?
53. Por que você escolheu esse curso?
54. A infraestrutura da UFSC atende às necessidades do seu curso?
55. O que você pensa em fazer depois que terminar a graduação? Pretende ingressar no mercado de trabalho de imediato ou fazer uma especialização ou mestrado? Por quê?

Segurança pública

56. O bairro em que você mora é violento?
57. Você concorda ou não com o ditado “Bandido bom é bandido morto”?
58. Qual o papel da segurança pública?
59. A segurança pública de SC tem conseguido proteger os cidadãos?
60. A polícia é ágil? Consegue atender as demandas da população?

Políticas de igualdade de gênero

61. Você concorda com o ditado “Se as mulheres não usassem roupas tão curtas haveria menos violência contra elas”?
62. Você acha que as mulheres atualmente “têm conquistado muito espaço na sociedade”, por quê?
63. A violência atinge homens e mulheres da mesma forma?
64. É recorrente de uns tempos pra cá ouvirmos a frase: “a comunidade de gays e lésbicas tem ganhado muitos privilégios”. Você concorda com essa frase ou não? Por quê?
65. Recentemente, o Supremo Tribunal Federal decretou que a homofobia é crime. Você concordou com “essa conquista” de toda comunidade lgbtqi+ ?
66. A questão de gênero tem ganhado muita evidência na mídia ultimamente. Dragqueens cantoras, como Pabllo Vittar, mulheres e homens transexuais, como o Tamy Miranda, a filha que agora é filho da Gretchen, gays já têm aparecido em novelas. Quais motivos você considera que levou essas pessoas terem visibilidade nos meios de comunicação?

67. Você considera a discussão de gênero ou até mesmo o empoderamento feminino necessários ou mimimi?

Saúde pública

68. Já teve algum problema de saúde? Qual?
69. A saúde pública é um direito que deve ser assegurado pelo governo?
70. A saúde pública no Brasil funciona?
71. Como você avalia o Sistema Único de Saúde (SUS)?
72. Quais os pontos negativos e os positivos do SUS?
73. Há problemas no funcionamento do SUS? Quais?
74. Como o SUS poderia ser melhorado?
75. A quantidade de médicos (e especialistas) no SUS é suficiente para atender a demanda da população?
76. No bairro em que você mora há unidade de saúde da família?
77. Você já precisou usar algum serviço do SUS? Já usou o HU da UFSC? Como você descreve a experiência?

TESTE DE PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA

Para finalizar, gostaria que você respondesse algumas questões...

78. Aqui em Floripa, você já percebeu alguma diferença no modo como as pessoas falam? Você seria capaz de imitar (caracterizar) essa fala?
79. Você acredita que, estando em outro lugar ou em contato com pessoas de outro lugar outras pessoas podem identificar de onde você é (a sua origem) apenas pela maneira como você fala? Por quê?
80. Você acha que as pessoas que moram na capital falam diferente das que moram no interior? Como?
81. O que mais chama sua atenção quando as pessoas estão falando?
82. Você acha que seu modo de falar mudou depois que você entrou na universidade?
83. Falar **doj**, **trej** é comum onde você mora?
84. Falar essas mesmas palavras é comum aqui na universidade?
85. O que você acha desse jeito de falar?
86. Falar **pranta**; **broco**; **praneta** e **franela** é comum onde você mora?
87. Você acha que esse jeito de falar é típico de alguma localidade?
88. Você acha que esse modo de falar tem alguma relação com a escolarização da pessoa?

89. Falar **tjia,dzia, dentji,médzico** é comum onde você mora ou é mais comum **tia, dia, denti, médico**?
90. Falar essas mesmas palavras é comum aqui na universidade?
91. O que você acha desse jeito de falar?
92. Você acha que esse jeito de falar é típico de alguma localidade?
93. Você acha que esse modo de falar tem alguma relação com a escolarização?
94. Você acha que esse modo de falar é considerado mais bonito?
95. Você acha que **tu e você** tem a mesmo significado?
96. Você usa essas palavras nas mesmas situações?
97. Prefere **tu vai** ou **tu vais**? **Tu foi** ou **tu foste** ou **tu fosse**?
98. Quando você está falando sobre você junto a mais alguém você fala mais **nós** ou fala mais **a gente**? Por quê?
99. Você acha que é melhor usar mais **nós** ou **a gente**?
100. O que você acha de construções como “**nós comemu**”, “**a gente vamu**”, “**nós vai**”?
101. Você acha que essas formas determinam de onde o falante é? (região do país, Estado)
102. Você acha que a escolarização tem relação com a escolha de uma dessas formas?